



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Pedro Rafael Martins Brito

Seca do Quinze: o discurso do semanário *A Lucta* (Sobral-CE) em 1915

Brasília, DF

2023

Pedro Rafael Martins Brito

Seca do Quinze: o discurso do semanário *A Lucta* (Sobral-CE) em 1915

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História

Orientador: Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Brasília, DF

2023

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Mateus Gamba Torres (HIS-UnB)
(Orientador)

Professora Dra. Neuma Brilhante Rodrigues (HIS-UnB)

Professora Dra. Léa Maria Carrer Iamashita (HIS-UnB)

Mas quando chega o tempo da invernada
No sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim não passa fome
Os burrego que nasce na baixada

Carcará – João do Vale e José Cândido

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao conhecimento histórico que me foi proporcionado por meio da História e da Historiografia. É, em grande medida, graças aos esforços de docentes e servidores do Departamento de História da Universidade de Brasília que, hoje, posso me debruçar com prazer sobre o passado em sua fascinante complexidade. A consciência histórica que me foi apresentada através de tal ciência, permite que, nos dias atuais, eu possa enxergar e não mais fechar os olhos para as questões que se colocam em meu tempo e, assim, buscar compreendê-las de forma que minhas intervenções na sociedade se façam da maneira mais humana ao meu alcance.

Agradeço, em segundo lugar, ao meu Paizinho e minha Mãezinha, avô e avó que, sem ambos, não haveria sentido em construir a presente pesquisa: Pedro Joca Martins e Maria da Soledade Moreira Martins.

Agradeço, em terceiro lugar, à minha Mãe: Antônia Raflésia Moreira Martins, a qual, frequentemente, faz-me questionar minha capacidade de existir e sobreviver sem sua presença em minha vida.

Agradeço, em quarto lugar, às cinco mulheres que estiveram presentes desde meus primeiros dias de vida, todas responsáveis por aquilo que fui, sou e ainda me tornarei, minhas tias: Ana Cláudia Moreira Martins, Ana Silvia Moreira Martins, Cristina Moreira Martins, Maria das Graças Moreira Martins e Célia Maria Moreira Martins.

Agradeço, em quinto lugar, às minhas duas irmãs, também mulheres dignas de nota e de palavras que, mesmo querendo, não conseguiria escrever: Dayse Rannyele Martins e Raylene Martins.

Agradeço, em penúltimo lugar, às minhas duas amigas e um amigo, companheiras/os na luta *por* Educação e *pela* Educação: Yasmin, Thaynara e Manoel.

Agradeço, enfim, ao meu professor, pelas orientações e companheirismo em meus momentos finais da graduação: Mateus Gamba Torres.

À todas/os, minha mais sincera gratidão!

RESUMO

Na presente pesquisa, buscamos abordar a História da seca no Ceará, mais especificamente o processo histórico ocorrido no ano de 1915, a partir dos discursos do semanário *A Lucta* (Sobral-CE) e também da historiografia. Nosso objetivo consistiu em compreender como a seca passou a ser entendida como um fenômeno não meramente climático, mas, principalmente, como um problema social. Procuramos elucidar a associação da fome à seca. O trabalho e a migração, como soluções para a seca, também estão inseridos na pesquisa. Por meio de contextualizações históricas e propriamente da análise daquilo que se publicava no semanário, é possível constatar o caráter social da seca em suas inúmeras decorrências ascendendo após experiências do passado.

Palavras-chave: Seca, Ceará, Trabalho, Migração.

ABSTRACT

In the present research, we seek to approach the History of the drought in Ceará, more specifically the historical process that occurred in the year 1915. From the discourses of the weekly newspaper *A Lucta* (Sobral-CE) and also from the historiography, our objective is to understand how the drought becomes understood as not merely a climatic phenomenon, but mainly as a social problem. We seek to elucidate the association between famine and drought. Work and migration, as solutions to the drought, are also included in the research. Through historical contexts and specifically the analysis of what was published in the weekly, it is possible to verify the social character of the drought in its innumerable consequences rising after past experiences.

Keyword: Drought, Ceará, Work, Migration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – “ <i>A Lucta</i> ” em seu tempo	17
1.1– A seca na História do Ceará	18
1.2– A “Seca do Quinze” e seus precedentes	24
CAPÍTULO 2 – A seca e “ <i>A Lucta</i> ”	30
2.1– Um problema social	31
2.2– Trabalho <i>versus</i> Migração	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
FONTE	51
BIBLIOGRAFIA	51

INTRODUÇÃO

A História do Ceará, tanto no Ensino Básico quanto nos cursos de História do Brasil no Ensino Superior, adquire, em geral, pouco destaque em sua fascinante complexidade. Contudo, quando a problemática tem como objeto de estudo o fenômeno da seca, o sertão nordestino – em especial, o cearense – alcança atenção e importância nos espaços educacionais. Existe, portanto, uma predominância do aspecto da seca quando os olhares se voltam para a realidade dos povos que, comumente, são nomeados pela alcunha de “sertanejos retirantes”.

Por meio de processos de silenciamentos e esquecimentos, tais agentes históricos veem as inúmeras variáveis de suas vidas resumidas em três grandes eixos: seca, fome e pobreza – eis, aqui, o “flagelo” atribuído aos nordestinos. Existe alguma verdade na afirmação segundo a qual o Ceará tem nas secas um importante modelador de sua sociedade; é preciso, entretanto, não cair na superficialidade de tomar tais acontecimentos como os únicos causadores das agruras desse povo – a bem da verdade, além da linearidade da História como causa/consequência estar superada pela historiografia dos últimos tempos, como veremos, há inúmeros intelectuais produzindo sobre as questões que se entrecruzam atravessando o sertão cearense; buscando, assim, lançar luz ao emaranhado histórico que ali se faz presente.

Antes localizado no Norte do país, o Ceará passaria a constituir parte do que conveniu-se denominar de Nordeste; isto é, há a invenção e propagação da ideia cujo cerne está na defesa da delimitação da região semiárida – a qual estaria caracterizada por uma geografia alheia aos demais territórios limítrofes. Em outras palavras, essa porção territorial específica do Brasil é inventada a partir da necessidade de diferenciar determinada parte nortista do país, sendo esta, cada vez mais, entendida e construída por meio das secas periódicas em suas decorrências.¹

Nesse sentido, diz Frederico de Castro Neves:

[...] ao falarmos de nordeste, não falamos apenas de um ponto no mapa, entre o norte e o leste, mas fazemos referência a um conteúdo sociopolítico que identifica uma forma social de ser e de existir historicamente, com determinadas características que configuram um

¹ Cf. **ALBUQUERQUE JÚNIOR**, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste: e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

espaço como culturalmente peculiar. Nordeste é um conceito e, como todo conceito, não é inocente. Trata-se de uma construção histórica.²

A imagem do nordeste que, em tempos anteriores ao século XIX/XX remetia aos senhores de engenho, passou a ser intimamente associada aos povos que migravam em fugas trágicas; da fome, da peste, enfim, da situação de pobreza que advinham junto³ do período de seca. Entretanto, embora ainda muito presente no imaginário popular, no que diz respeito ao fenômeno da seca, a noção de determinismo geográfico, como buscaremos demonstrar, encontra-se superada no meio acadêmico – pois, “de fato, este fenômeno social a que chamamos seca relaciona-se intimamente com a irregularidade de chuvas, mas não se resume a isto”⁴. Assim, a seca sob uma perspectiva social constitui o enredo da presente monografia; mais especificamente, tratar-se-á de um processo histórico ocorrido no começo do século XX.

No Ceará de 1915, a imprensa tomava para si a função de noticiar as calamidades da seca. O país caminhava pela dita *Belle Époque*: é tempo de “civilizar” e, de fato, “o termo ‘civilização’, naquele contexto, era sinônimo de progresso, modernização”.⁵ Na capital do Brasil, o projeto de país que se queria para o futuro já se encontrava em processo avançado na medida em que os governantes almejavam alcançar outras nações na caminhada “civilizatória” – tendo na França o ideal de inspiração.

O Ceará, por sua vez, geograficamente marginalizado em relação ao Rio de Janeiro, buscava trilhar o mesmo percurso em conformidade com o sul brasileiro. A seca, enfim, passou a ser concebida como o execrável obstáculo a ser ultrapassado rumo à integralização dos cearenses no processo histórico nacional daquele momento; ora, como parte integrante do território do Brasil, argumentava-se que a modernização do país passava obrigatoriamente pela resolução da seca em suas incontáveis repercussões.

Esse período, o qual, para fins didáticos, poderíamos demarcar cronológica e superficialmente entre o fim do século XIX e início do século XX,

é marcado por um intenso fluxo de mudanças que não só produziu transformações de ordem urbana, política e econômica, como também

² NEVES, Frederico de Castro. *O Nordeste e a historiografia brasileira*. Ponta de Lança (UFS). Sergipe, v. 5, p.7, 2011.

³ Importa notar o fato de que, juntamente com os retirantes, a fome e as doenças também migravam para onde quer que suas vítimas fossem.

⁴ NEVES, Frederico de Castro. *A Seca na História do Ceará*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 100.

⁵ PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 162.

afetou profundamente o cotidiano e a subjetividade das pessoas, alterando seus comportamentos e condutas, seus modos de perceber e sentir.⁶

Em suma, o ano de 1915 está inserido em um contexto histórico um tanto quanto específico – um temor proferido pela elite do Ceará em seu medo da seca e, contundentemente, de que seus retirantes impedissem a modernização de Fortaleza; pois, havia o fato da capital ser o principal destino das multidões que se deslocavam por todo o Estado em uma jornada pela sobrevivência. Nessa conjuntura, vê-se um dos mais emblemáticos casos onde a classe dirigente expressa seus ideais de exclusão e isolamento dos sertanejos: o Campo de Retirantes do Alagadiço.⁷ Desta maneira, para além do aformoseamento físico de Fortaleza que é remodelada no estilo francês, é perceptível o projeto de transformação nos hábitos da sociedade; algo que, em se tratando das classes populares, entendia-se como uma questão imprescindível. Isso se dava na medida em que se queria domesticar a população, isto é, “disciplinar os pobres, doentes, mendigos, loucos, ‘vadios’ e prostitutas, vistos como agentes nocivos ao processo civilizatório, produtivista e normatizador pretendido para a capital”.⁸

A fome, tal como a pobreza, não são exclusividades do Ceará de 1915 – tampouco sua predominância se restringe aos territórios nortistas do Brasil.⁹ Nesse sentido, com a visibilidade que as secas adquiriram nas últimas décadas do século XIX, fixou-se no imaginário popular a associação da seca com o pauperismo famélico; e, assim, a imagem do cearense faminto, esquelético ao ponto de não mais conseguir trabalhar, servindo-se da caridade por meio da mendicância – sobrevivendo aos tropeços, em um estado de miséria –, é o retrato perpetrado através do tempo. Tendo em vista a ascensão e força da imprensa no período elencado, por meio de seus discursos, cabe notar seu papel determinante na estigmatização dessas pessoas.

Desta forma, a identidade do sertanejo retirante é construída – erguida por seus algozes, os mesmos que contribuíram para sua cruel realidade, os povos que habitavam o interior do sertão eram vistos como “selvagens ignorantes” que, primordialmente,

⁶ PONTE, Sebastião Rogério. op. cit, p. 163.

⁷ Por não constar na fonte selecionada para a presente pesquisa, a sombria História do Campo de Retirantes do Alagadiço – um dos primeiros que se tem notícia no Brasil –, construído em 1915 especificamente para isolar as multidões de retirantes que chegavam em Fortaleza diariamente, não será pormenorizada neste trabalho. Cf. NETO, Armando Pinheiro. *De curral da fome a campo santo: o campo de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UNIRIO, 2014.

⁸ PONTE, Sebastião Rogério. op. cit, p. 164.

⁹ Cf. CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

necessitavam de serem civilizados. Nesse momento, no que diz respeito à seca, tanto quanto a pobreza e também a fome, o caráter social destas problemáticas adquiriam maior atenção por parte da sociedade em seu conjunto; enfim, apesar das agruras vividas pelos andarilhos, o Estado se mostrava disposto a cumprir com seu papel constitucional a partir de uma concepção não meramente geográfica, mas, principalmente, lançando um olhar socioeconômico sobre o dito fenômeno. Segundo Antonio Nelorracion Gonçalves Ferreira:

Em Fortaleza, pode-se apontar que foi a partir do século XIX que começou a emergir o âmbito do social. Embora, possa-se constatar que o funcionamento do dispositivo da caridade seja um híbrido entre o público e o privado – já que basicamente as atividades caritativas eram de iniciativa particular, que desempenhavam funções públicas – não se tem um setor social tão delimitado, no Ceará, como já existia na Europa na passagem do século XVIII para o XIX, mas apenas o esboço de um domínio que só aparecerá, com seus traços característicos bem delimitados, a partir dos anos 1930, no Brasil, com o nascimento do Serviço Social.¹⁰

Posto isto, aqui, existe um esforço de análise e reflexão crítica sobre os discursos proferidos pelo semanário *A Lucta*, de forma que se possa ir além da mera descrição de uma horrenda realidade marcada pela seca, fome e pobreza no ano de 1915, no Estado do Ceará. O recorte temporal justifica-se, pois, ao tratarmos da *Seca do Quinze*, defrontamos com as trágicas experiências de um passado relativamente recente. No entanto, o Brasil já não era mais um Império; era uma República. Não havia mais Imperador; havia um Presidente. Em outras palavras, esperava-se que o fantasma de secas anteriores não voltasse a assombrar o sertão – e mais, com as aceleradas transformações decorrentes da febre modernista, acreditava-se igualmente em soluções mais rápidas e eficazes para a estiagem das chuvas em suas tristes decorrências.

Sendo assim, em 18 de março de 1915, a edição semanal do periódico *A Lucta* iniciava um de seus artigos, sob o título de “Duro Flagello”, com as seguintes palavras: “Atravessamos, no momento actual, uma phase bem desagradável, cuja impressão arraigada no espirito do povo originou a ideia tetra de que estamos em frente de uma secca horrorosa.”¹¹

¹⁰ FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves. *A miséria da piedade: o governo da pobreza no dispositivo da caridade (Fortaleza, 1880-1930)*. Tese de doutorado. PPGHIS-UFC, p. 67, 2019.

¹¹ A Lucta, Nº 46. 18 de março de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00046.pdf [acesso: 17/09/2022].

A edição daquele dia circularia por Sobral, dentre outras regiões do Ceará, na véspera do dia de São José (19 de março). Para grande parte da cultura cearense, caso as chuvas não iniciassem até tal data, havia certa crença que levava ao entendimento de que nisso estaria um sinal para a terrível e pouco evitável seca;¹² a qual se chegava, vagarosamente, mais perto dos habitantes daquela região. Ao passo que o temor dominava trabalhadores rurais, urbanos e também a elite do Estado, o espectro da fome ascendia e se alastrava sertão adentro.

No que diz respeito ao periódico selecionado, este foi fundado em 1914, na cidade de Sobral-CE, o qual circulou por exatos 10 anos – quando do assassinato de seu principal redator e proprietário, Deolindo Barreto Lima, morto em 1924. Na página final de todas as edições consultadas para o ano de 1915,¹³ o caráter de suposta neutralidade que se propõe no jornal, diante das organizações políticas regionais, explicita-se como “Semanário Independente Político e Noticioso”. Ainda assim, sob acusação de estar atrelado aos grupos políticos locais, no dia 1 de janeiro de 1915, sob o título “Desfazendo Boatos” e em caixa alta, consta: “A LUCTA NÃO OBEDECE A NENHUN[M]A ORIENTAÇÃO PARTIDARIA, NÃO É ORGÃO DE NENHUM DOS TRES GRUPOS DE QUE SE DEGLADEIAM NA ARENA DA POLÍTICA ESTADUAL.”¹⁴

Dito isto, como será exposto, vê-se a seguinte situação: um Ceará às margens do centro político, econômico e cultural – Rio de Janeiro –, em uma circunstância de busca constante por inserção na onda modernista angariada pelo governo federal; um momento delicado no que diz respeito aos acontecimentos locais e diante de uma seca que, por meio das experiências passadas, fomentava expectativas estarrecedoras quanto ao futuro próximo, no qual vislumbravam-se caravanas de pessoas que se retiram de suas localidades fugindo da fome e da sede, atravessando o sertão cearense em condições de

¹² “[...] simbólico dia de São José, [era] visto como um marco pelo sertanejo para definir se haverá ou não seca [...]” NETO, Armando Pinheiro. *De curral da fome a campo santo: o campo de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UNIRIO, p. 65, 2014. “Mesmo quando o governo deflagra seca, normalmente entre os meses de fevereiro e março, o sertanejo cearense espera chegar o dia de S. José, santo padroeiro do Ceará, 19 de março. Se neste dia não chover, aí, sim, o sertanejo parte em retirada para as grandes cidades.” RIOS, K. S. ; GALINDO, B. . *Condenados da terra: o confinamento dos pobres em campos de concentração no Ceará, Nordeste do Brasil*. MESTER (LOS ANGELES), v. 49, p. 3, 2020. “[...] após o dia 19 – dia de São José e passagem do equinócio –, ‘tem início, real ou oficial, a odisséia da seca’”. NEVES, Frederico de Casto. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 9.

¹³ Para a presente pesquisa, foram consultadas as edições do ano de 1915, indo do Nº 35 ao Nº 87, sendo selecionadas as que se mostraram mais pertinentes para este estudo. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/lucta/720763> [acesso em: 01/11/2022].

¹⁴ A Lucta, Nº 35. 1 de janeiro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00035.pdf [acesso em: 17/09/2022].

miséria – gerando, por assim dizer, um imaginário social segundo o qual o sertanejo está resumido à imagem do andarilho maltrapilho, um agente patriótico em seu coração (no sentido de “representante da pátria”) tanto quanto imerso em sua ignorância, facilmente reconhecido pela sua fisionomia cadavérica.

Ao analisar os discursos redigidos e publicados em *A Lucta*, há o empreendimento de esclarecer a maneira pela qual o jornal se colocava frente aos problemas do momento, tal como suas concepções sobre a ideia da seca, fome ou, ainda, os interesses por detrás das duas principais propostas (trabalho *versus* migração) para solucionar os empecilhos, como, por exemplo, as descrições das condições dos retirantes, cujo principal argumento consistia no papel destes no processo de modernização por meio de sua força de trabalho nas obras públicas. Em outras palavras, dentre tantas possibilidades, aqui, o objetivo central consiste em compreender como *A Lucta* escrevia sobre a seca, em 1915, sendo esta um fenômeno não apenas geográfico, mas e, inclusive, socioeconômico.¹⁵

Nesse sentido, a escolha da fonte selecionada se dá na medida em que é possível observar discursos que destoam do regime vigente. Embora defendesse seus interesses como parte integrante da elite sobralense, demonstra também constante oposição aos ditames daqueles que exerciam o poder. O aspecto que mais chama atenção trata-se do esforço em convencer os leitores sobre a idoneidade do semanário – haviam, também, palavras em defesa das classes populares¹⁶ e migrantes que chegavam à cidade em busca da capital Fortaleza.

Importa salientar, entretanto, a realidade do analfabetismo no Brasil do início do século XX. Vê-se que, assim, por mais que o periódico saísse em defesa das classes que mais sofriam com a estiagem, os discursos que ali eram escritos não se destinavam, *a priori*, aos que viviam em um estado de pauperismo famélico. A tradição oral, nesse contexto, é ampla e predominante; nesse caso, as leituras públicas faziam parte do cotidiano. Por isso, seria equivocada afirmar que o sertanejo retirante encontrava-se alheio à imprensa – pelo contrário, além de existirem alfabetizados entre as vítimas da

¹⁵ O conceito de “geográfico” que aqui se utiliza é estritamente referente ao aspecto “físico” da ciência “Geografia”, pois, cabe salientar, no estudo do espaço geográfico a sociedade também constitui importante escopo para os geógrafos.

¹⁶ Por exemplo, antes mesmo da seca ser decretada oficialmente, *A Lucta* já salientava sua preocupação com aqueles que passavam fome. Sob o título de “A fome na cadeia”, a edição Nº 43 de 25/02/1915 publicava um artigo sobre presos que se encontravam retidos na cadeia pública de Sobral. Com uma crítica aos governantes impassivos, o jornal pede ao público que se compadeçam dos presos e levem alimentos para eles. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00043.pdf [acesso em: 18/09/2022].

seca, tais pessoas estavam atentas ao que era dito e lido nos espaços coletivos, protagonizando os acontecimentos que ocorriam em seu tempo histórico. Em suma, “o analfabetismo não exclui o indivíduo do discurso político”.¹⁷

No mais, o uso da imprensa como fonte histórica pode ser de grande valia para o historiador que se empenha na pesquisa e produção de seu ofício, haja vista sua ascensão, visibilidade e importância no início do século XX. A utilização desse tipo de documento requer levar em consideração o contexto e as circunstâncias de sua produção – é preciso, pois, dentro do escopo do presente trabalho, questionar quem redige e publica o periódico; com quais interesses são produzidos os textos; e, também, o público alvo do semanário. Desta e de outras formas, se faz possível lançar luz sobre seus discursos.

A monografia que aqui se introduz busca utilizar-se das ideias de Durval Muniz, a partir do que o autor compreende como a análise externa em concomitância com a análise interna da fonte.¹⁸ Desta forma, tendo em vista tanto a historicidade quanto a temporalidade, por um lado, importa ao historiador pensar as relações do documento com o meio no qual se fez possível sua produção – para tanto, uma contextualização dos eventos exteriores ao discurso é imprescindível; de outro modo, sobre o conteúdo da fonte,

O historiador tem que tomar um discurso ou um pronunciamento não apenas como algo que remete a um acontecimento que lhe é exterior e do qual é um testemunho, um documento, uma pista, um sinal. O historiador deve tomá-los como sendo em si mesmos um acontecimento, um evento que merece ser interrogado enquanto tal.¹⁹

Por fim, o trabalho que se segue conforma dois capítulos: 1] “*A Lucta*” em seu tempo; a seca na História do Ceará; a *Seca do Quinze* e seus precedentes. Portanto, na primeira parte do texto, busca-se uma exposição a respeito do contexto no qual inserem-se os acontecimentos e os discursos; isto é, o processo histórico – e suas inúmeras possibilidades. 2] a seca e “*A Lucta*”; um problema social; trabalho *versus* migração; ou seja, no segundo capítulo, há uma tentativa de análise daquilo que se redigia e se publicava no semanário de Sobral-CE, atentando para a maneira pela qual o jornal entendia a seca e a fome como fenômenos que não estavam restritos ao aspecto físico da

¹⁷ GONÇALVES, Adelaide. *Imprensa dos trabalhadores no Ceará: História e Memórias*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 261, 2000.

¹⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, p. 223-250, 2009.

¹⁹ *Ibidem*, p. 237.

geografia e, também, identificando as formas de oposição entre as ofertas de resoluções quanto ao combate do problema.

CAPÍTULO 1 – “*A Lucta*” em seu tempo

Em 1915, a Primeira Guerra Mundial transcorria em território europeu. No Brasil, a jovem República era dirigida por poderosas oligarquias que tomavam para si a missão de “civilizar” a população brasileira. Com uma cidadania limitada aos poucos privilegiados que detinham algum *status* socioeconômico, os habitantes do país vivenciavam um momento histórico atravessado por noções de “progresso”, “modernidade”, “civilização” e “racismo científico”. Por um lado, as classes pobres passavam a ser identificadas com aquilo que é sujo, imoral e atrasado; por outro lado, a burguesia tipificava-se como o mais alto grau na evolução das espécies.²⁰ A parte norte mais ao leste do território, em especial o semiárido, era encarada como uma região em decadência – quando se comparada aos estados mais ao sul. Dito de outra forma,

Novas territorializações articuladas com o período imediatamente posterior à Proclamação da República, assim como novos fluxos migratórios, novos movimentos intelectuais e novas redes econômicas, associam-se neste momento para fornecer elementos à percepção de uma área em decadência – o nordeste – que se contrapõe a uma área em franca e vertiginosa ascensão – São Paulo ou, de maneira geral, o sudeste.²¹

Nesse contexto, mesmo antes da Proclamação da República (1889), o Ceará tem como máxima autoridade a oligarquia Accioly – representada por Nogueira Accioly (1840-1921) –, governando o estado de 1896 até 1912, quando sua deposição é organizada por grupos de oposição e, sofrendo pressão popular, antes mesmo de ser deposto, o oligarca anuncia sua renúncia. Sendo o sistema eleitoral pouco confiável – estando este submetido ao poder das elites, de forma que a corrupção se apresentava explicitamente, os habitantes de Fortaleza e outras regiões se insurgem nos espaços públicos e, por meio da força, colocam Franco Rabello (1861-1928) no poder.²² No ano de 1914, Padre Cícero, junto de seus aliados, incita devotos cristãos contra o mandato de Rabello – é momento da

²⁰ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio*. v. 3. São Paulo: Cia. das Letras, p. 7-48, 1998.

²¹ NEVES, Frederico de Castro. *O Nordeste e a historiografia brasileira*. Ponta de Lança (UFS). Sergipe, v. 5, p.7, 2011.

²² Cf. ALENCAR, Maria Emília da Silva. *À sombra das palavras: a oligarquia acciolina e a imprensa (1896-1912)*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UFC, Fortaleza-CE, 2008.

chamada Sedição de Juazeiro e, com ela, Benjamin Barroso (1859-1933) torna-se o presidente da província.²³

Ainda em 1914, o semanário *A Lucta* inicia suas atividades, após Deolindo Barreto Lima (1884-1924) regressar ao Ceará vindo de Belém do Pará. Sendo ele natural de Crateús, no centro-oeste do estado, escolhe a cidade de Sobral, no norte do estado, como residência e palco de seus discursos políticos e sociais. É filho de família humilde que, em época passada e fugindo da seca, migrara para os seringais da Amazônia. Tendo ele vivenciado as agruras da migração desde cedo e utilizando-se de conhecimentos que adquirira em serviços de tipógrafo, opta por estabelecer sua própria redação – com autonomia, torna-se soberano de si e, finalmente, exerce a independência de suas ideias a partir de publicações semanais, redigidas por si e correligionários.²⁴

1.1– A seca na História do Ceará

A História do Ceará, como mencionado anteriormente, tem na falta de chuvas periódicas um caráter modelador de sua sociedade. Dito de outra forma, o fenômeno da seca é comumente entendido como uma questão localizada intimamente na cultura cearense – tomando esta, por sua vez, em amplo sentido; isto é, em suas concepções geográficas, políticas, econômicas e também sociais. Por isso, objetivando ir na contramão da historiografia tradicional, importa notar as inúmeras possibilidades em aproximar-se de tal realidade, de forma que não limitemos a complexa vivência dessas pessoas unicamente pela irregularidade d'água em suas regiões de origem.

Sobre os escritos precursores desta temática, em artigo publicado em 2012, o historiador cearense Frederico de Castro Neves busca responder a seguinte pergunta: “qual o lugar que o Nordeste ocupa na historiografia brasileira?”. Em síntese, no texto, o autor chama atenção para a relevância de levar em consideração os escritos de Gilberto Freyre (1900-1987), citando o Manifesto Regionalista (1926) e o Nordeste (1937), pois são estas as obras que, a princípio, contrapõem-se aos autores tradicionais, tal como Senador Pompeu (1818-1877), Capistrano de Abreu (1853-1827), Pompeu Sobrinho

²³ Cf. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Juazeiro e Caldeirão: espaços de sagrado e profano*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

²⁴ Cf. LIMA, J. L. F. *O enfermo e o mártir: imprensa, história e memória a partir das trajetórias dos jornalistas Vicente Loyola e Deolindo Barreto Lima - Sobral, 1907-1924*. In: XII Semana de História da FECLASC, 2016, Quixadá. Anais da XII Semana de História da FECLASC, 2016. Ver também: Idem, *O boom da memória no interior do Ceará: memória intelectual e patrimonialização em Sobral (1984-2000)*. In: 30º Simpósio Nacional de História, 2019, Recife. Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil. Recife: Associação Nacional de História - ANPUH/Brasil, 2019.

(1880-1867), Cruz Filho (1884-1974) e também Raimundo Girão (1900-1988). Nesse sentido, haveriam duas linhas de configuração historiográfica: 1] a experiência da seca, presente na historiografia tradicional e 2] o regionalismo de Freyre. Ainda segundo Neves, são, ao menos, três perspectivas de análises mais atualizadas sobre o assunto, são elas representadas por: 1] Francisco de Oliveira (voltado para a transformação na divisão do trabalho e no papel econômico do Estado); 2] Rosa Godoy Silveira (debruçando sobre aspectos sociopolíticos) e 3] Durval Muniz (focado no que ele chama de “História Sentimental”).²⁵

Dito isto, a região correspondente ao nosso recorte espacial está localizada no chamado polígono das secas²⁶ – assim, o que veio a se tornar o Estado do Ceará tem no início do século XX momentos cruciais para lançar luz sobre os processos históricos que englobam sua História Contemporânea. Nas palavras do renomado estudioso de tais questões, Frederico de Castro Neves reitera que

O Estado do Ceará encontra-se quase todo no interior do espaço que se costuma denominar de ‘polígono das secas’ – o semiárido – e, assim, sua história é marcada pelas secas e suas consequências. No entanto, esta irregularidade de chuvas não seria um problema se as relações estabelecidas entre os homens estivessem de acordo com as possibilidades da natureza. As estruturas sociais organizadas no interior dos limites do semiárido – incorporando também as características naturais – jamais permitiram uma relação com tais limites de modo a garantir para todos os homens uma vida segura diante da irregularidade de chuvas. Ao contrário, estas estruturas caracterizam-se especialmente pela vulnerabilidade.²⁷

Deste modo, a própria região constitutiva do Nordeste, por exemplo, adquire sua especificidade devido aos constructos que dela fizeram e fazem, engendrando fatos que soem pertinentes à seca; certamente, as áreas do semiárido ganham maior visibilidade nesse aspecto, até porque sua economia fundamenta-se na criação de animais e não na costumeira agricultura de exportação; isto é, a ocupação do território se fez a partir da expulsão dos povos originários em concomitância com a pecuária. Afora um ou outro cultivo produzido para exportar, tal como o algodão, o restante do plantio limitava-se à

²⁵ NEVES, Frederico de Castro. *O Nordeste e a historiografia brasileira*. Ponta de Lança (UFS), v. 5, p. 6-24, 2011.

²⁶ “O chamado Polígono das secas foi instituído pela lei nº 175 de 1936. Posteriormente seus limites foram alterados pelo Decreto-Lei nº 9.857, de 1946 e abrange 1348 municípios dos estados do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais”. NETO, Armando Pinheiro. *De curral da fome a campo santo: o campo de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UNIRIO, 2014, p. 17, nota 2.

²⁷ NEVES, Frederico de Castro. *A Seca na História do Ceará*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 78.

subsistência. Ante uma estrutura frágil, a menor das perturbações acaba por colocar em risco o equilíbrio e as relações paternalistas²⁸ da vida sertaneja. É perceptível, enfim, a delimitação geográfica de um espaço idealizado por sua irregularidade de chuvas tanto quanto em sua condição econômica. Por isso, “o Nordeste aparece na historiografia em toda sua ambiguidade, o que não impede a formação de uma homogeneidade regional que ainda não foi superada”.²⁹

Portanto, é fato a força da seca nos processos históricos que se passam no sertão nordestino. O imaginário social está repleto dos acontecimentos mais recentes, haja vista o crescimento da acessibilidade aos meios de comunicação. Para exemplificar,

Em 1982, pela primeira vez, as denúncias de ‘genocídio’ alcançaram todo o país. As autoridades foram consideradas, por entidades de Direitos Humanos e por setores da Igreja Católica, culpadas por milhões de mortes pela fome e pelas doenças porque poderiam colocar em prática um conjunto de medidas que evitariam estas mortes e não o fizeram. As cenas terríveis da luta pela vida no sertão seco foram mostradas pela televisão em campanhas de solidariedade que se organizaram para ajudar as vítimas do ‘flagelo’. A ‘seca’ novamente aparece com toda a sua força real e simbólica no cenário político nacional e mobiliza campanhas e projetos.³⁰

Desta feita, no Ceará, a passagem do século XIX para o XX ainda se encontra vívida na tradição oral que é transmitida de geração para geração. É conspícuo mencionar as primeiras datações apreendidas em documentos, as quais remontam, especialmente, ao Brasil Colônia e mesmo anteriores à época moderna. Porém, a experiência do ano de 1877 despontaria como marco temporal para o problema que aqui se propõe, servindo como uma espécie de exemplo para os eventos que efervesce em 1915; afinal, “as secas [...] não apenas evidenciam os extremos da miséria; são também momentos em que os sertanejos, distanciados de seus modos de vida originários, vivenciam novas experiências”.³¹

²⁸ Sobre o conceito de paternalismo em nosso escopo, “o vaqueiro e sua família e o grande proprietário rural estavam ligados por ‘laços paternalistas de submissão, de lealdade e de proteção’ que garantiam em caso de estiagem prolongada a sobrevivência daqueles com a ajuda destes.” NETO, Armando Pinheiro. *De curral da fome a campo santo: o campo de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UNIRIO, 2014, p. 22.

²⁹ NEVES, Frederico de Castro. *O Nordeste e a historiografia brasileira*. Ponta de Lança (UFS), v. 5, 2011. p. 6.

³⁰ Idem, *A Seca na História do Ceará*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 100.

³¹ CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Operários da seca: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (Ceará – 1877-1919)*. Revista Mundos do Trabalho, vol. 3, n. 6, julho-dezembro de 2011, p. 176.

A História registra pouquíssima chuva nos anos de 1889-90 e 1900-01 para, finalmente, no ano de 1915, constatar uma seca que, senão mais, no mínimo tão impactante quanto a do século anterior. A expressão “Seca do Quinze”, ainda hoje, entre famílias de forte cultura cearense, pode ser observada no sentido de ofender pessoas abaixo do peso padrão, em uma clara referência ao quesito “fome” e “subnutrição” frequentes em época de seca. Como demonstra José Nilson B. Campos, há fontes que falam sobre estiagens de chuvas em 1586, 1603-1605, 1723-1729, 1777-1778, 1845 e, para mencionar alguns períodos posteriores ao nosso recorte, há registros de 1919, 1930 e 1932.³²

Sob uma visão panorâmica do contexto histórico, em uma época que se queria bela, as autoridades do Brasil esforçavam-se no sentido de incorporar os novos padrões ditos modernos. Frente às circunstâncias, dentre as incontáveis rupturas que aqui se estuda, as transformações nos modos de sociabilidade tal qual nas tecnologias materiais mostraram-se oportunas para o presente argumento – isso porque, através da troca de experiências dos agentes históricos que aí se fez, podemos acrescentar minimamente para os estudos sócio-históricos da seca. Dito isto, a elite brasileira buscava ares europeus e, não tardando, houve a valorização da cidade: o centro da modernidade, “com novas concepções sobre o espaço urbano como um espaço público a ser por elas [elite] usufruído”. Deste modo, “a vida urbana passa a ser o cenário privilegiado da seca” – ou seja, as desgraças da estiagem de chuvas “atingiu o cerne da aventura civilizatória”.³³ Kênia Rios sintetiza bem esse momento ao notar

Como a cidade vivia um momento de expansão de suas riquezas em face da consolidação de uma elite comercial e industrial, os ricos da capital sentiram que seu projeto de modernização e embelezamento do espaço urbano estava fortemente ameaçado com o deslocamento dos famintos.³⁴

Deste modo, em concordância com outras importantes capitais, Fortaleza avança por um processo de reforma material de suas localidades de sociabilidade coletiva. O objetivo consistia, mesmo de maneira literal, fazer do Ceará um pequeno “pedaço” das cidades construídas pelos colonizadores na Europa – sendo este, por sua vez, visto como um ser

³² CAMPOS, J. N. B. *Secas e políticas públicas no Semiárido: ideias, períodos e pensadores*. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 28 (82), p.65-88, 2014.

³³ NEVES, Frederico de Casto. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 25.

³⁴ RIOS, K. S. ; GALINDO, B. . *Condenados da terra: o confinamento dos pobres em campos de concentração no Ceará, Nordeste do Brasil*. MESTER (LOS ANGELES), v. 49, p. 3, 2020.

humano superior aos demais. Os novos espaços exigiam comportamentos até então desconhecidos e, nesse aspecto, os conhecimentos recém adquiridos respaldavam-se nas teorias científicas. Assim,

Um olhar científico se estabelece a esse respeito, conformando um campo de produção de certezas a respeito do retirante e sua ‘natureza’ sub-humana, justificando ações de controle social ou mesmo de repressão violenta. Ao longo das secas, na virada do século XIX para o XX, este olhar científico produz ‘verdades’ que delimitam o campo de atuação social e principalmente política destes ‘inferiores pela raça e pelos costumes’.³⁵

O almejado, portanto, é a higiene e os bons costumes; em outras palavras, o higienismo em parceria com as leis morais, pouco a pouco, demandavam maior protagonismo. Ora, em uma época de pouca visibilidade social ante as classes desfavorecidas, a pobreza se alastra, chegando ao ápice da miséria, de forma que a fome se torna companheira onipresente. Ainda nas palavras de Nicolau Sevcenko sobre as grandes transformações do período, seriam

Quatro princípios fundamentais [que] regeram o transcurso dessa metamorfose [...]: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.³⁶

Nesse sentido, a elite cearense deposita sobre o retirante da seca valores que não podiam ser mais contrários ao que se entendia como moderno; personagens que, devido às condições extremas, perambulavam para todos os lados expondo publicamente sua condição miserável. Pessoas impedidas de realizar a mais elementar das necessidades humanas, maltrapilhas ou mesmo nuas, esqueléticas, doentes, moribundas enfim – exasperando em seu corpo físico, demonstrando, pois, em seus modos, uma concepção alheia ao que se impunha àqueles que buscavam cidadania segundo a ideia de escala evolutiva. Embora longo, em busca de ilustrar aquilo que, aqui, é dito, cabe reproduzir algumas das inúmeras cenas descritas por Frederico de Castro Neves em uma de suas pesquisas sobre os cearenses retirantes. Escreve o autor:

³⁵ NEVES, Frederico de Casto. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 92.

³⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Editora Brasiliense: São Paulo. 1995. p, 43.

Os caminhos em direção ao litoral transformavam-se em cenários de acontecimentos impressionantes. [...] Árvores secas, cadáveres insepultos, carcaças de animais mortos, ‘creanças, que semi-mortas tinham sido abandonadas por paes desalmados, a servir de pasto para os esfaimados morcegos’, compunham o ambiente em que viajavam estes homens e mulheres. [...] Animais mortos, de peste ou de fome, cujas carcaças apodreciam pelos caminhos, também podia ser consumidos pelos retirantes durante sua caminhada em direção à cidade. Muitos sucumbiam nesse tentativa, acossados por moléstias, ‘disformes e inchados, tendo os corpos crivados de carbunculos, soffrendo as dores de tão terríveis pustulas malignas’, depois de, ‘como corvos esfaimados’, devorarem ‘uma vacca quasi em estado de decomposição’ [...] A seca, por outro lado, acaba com as fontes de água, tornando as longas distâncias em verdadeiros desertos, fazendo com que os retirantes se precipitassem, descuidadamente, ‘sobre os caldeirões d’agua que encontravam, com a qual, quente, impura, a grandes goles enchiam o estomago’; a insalubridade, muitas vezes, era responsável pela transmissão de doenças, como as ‘febres paludosas’. [...] Tomados pelo desespero, muitas vezes, alguns retirantes cometem crimes contra suas próprias famílias, na tentativa de aliviar-lhes o sofrimento ou, simplesmente, para alimentar-se. Em Quixadá, um pai, que ‘trazia aos hombros um filhinho de dous annos de idade’, depois de ser tomado por alucinações, ‘desvairado, atira ao chão a inocente creança, precipita-se sobre ella, suffoca-a entre as mãos, estrangula-a e leva-a ao fogo’. Em Assaré, ‘uma infeliz de 14 annos, parda, chamada Maria, em um d’esses momentos de luta entre a vida e a morte, na tarde do dia 12 de fevereiro, matou as duas irmãs menores’ e ‘alimentava-se a desgraçada fatricida com a carne dos cadaveres, quando foi surpreendida pela justiça.’³⁷

Nesses termos, ao concebermos a seca e suas vítimas, no período estudado, o cenário tem como pano de fundo um Ceará predominantemente agrário, onde o sujeito sertanejo, por meio de relações de cunho paternalista, trabalha arduamente como agregado na terra de outrem para alimentar-se do seu plantio – afora os trabalhos de vaqueiro, mais voltado para o benefício daquele que é dono da terra. Cabe reiterar como a pecuária se faz muito presente ao passo que a agricultura conforma um elemento centrado na subsistência.

De modo geral, nesse contexto, ‘dentro da organização sócio-econômica baseada na produção agropastoril sobressaía a parceria’, em que o vaqueiro e proprietário dividem o gado, ao final do ano, na proporção de 1 para 4; no caso da agricultura, o parceiro cultiva uma parte da terra do proprietário e, em troca, cede uma parte da produção ou alguns dias de serviço. Porém, uma boa parte das atividades rurais se detinha na cultura de subsistência [...]. Assim, é lícito afirmar que ‘ao sertanejo pobre abrem-se duas carreiras: ou é vaqueiro de um fazendeiro qualquer ou agregado, isto é, morador nas terras do fazendeiro [...].’³⁸

³⁷ NEVES, Frederico de Casto. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 28-29.

³⁸ NEVES, Frederico de Casto. op. cit. p. 42.

No mais, com a chegada da seca, esgotam-se os poucos recursos e, ante tal, aqueles que habitam o sertão resistem ao máximo até a migração para os centros urbanos ser a única opção de sobrevivência. Enquanto as classes dirigentes promovem transformações na cidade, as multidões se formam e adentram os simbólicos espaços públicos. Logo, o retirante sertanejo é identificado como a materialização do obstáculo mais urgente a ser superado, ou, ainda, destruído.

A lógica se faz em sentido macro, isto é, nos grandes centros urbanos o assunto corrente traduzia-se pelo conceito de “civilização”. Sobre esta conceituação, Maria Tereza Chaves de Mello é concisa

[...] alcançar o progresso exigia o embarque no trem da evolução rumo à estação ‘civilização’. Um lugar pré-figurado de paisagem definida. Dito em outra escala: uma teleologia que dava direção e sentido ao tempo linear ascendente. A novidade de uma idéia de tempo que tem significado e é significante³⁹

A História da humanidade, nesse sentido, encontrava seu ápice a partir da superação da condição de barbárie para tornar-se plenamente civilizada. O Brasil, sendo um país identificado com o eurocentrismo, desejava protagonizar as mudanças mundiais – a elite cearense, dado seu apreço pelas ideias da época, imaginava-se parte integrante do processo nacional. Desta forma, de modo que o retirante em uma economia agropastoril é um empecilho para a modernização regional, o Estado nordestino, caso não solucione suas problemáticas locais, transforma-se igualmente em um impedimento para o Brasil moderno.

Finalmente, entre uma seca que vai e outra que vem, observamos as transformações que ocorrem na maneira de lidar com a estiagem de chuva; mais do que isso, o âmago das mudanças localiza-se no trato daqueles que mais resistem à seca. Por fim, de 1877 para 1915, o entendimento sobre o fenômeno tal como suas possíveis resoluções ganham novos contornos.

1.2 – A “Seca do Quinze” e seus precedentes

Diferentemente das secas anteriores, no *Quinze*, havia o acúmulo de experiências do passado e, por isso, as expectativas sobre as formas de lidar com o problema não vagavam pelo desconhecido. Pelo contrário, as circunstâncias do momento apontavam para

³⁹ MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana*. In: Tempo – Revista do Departamento de História da UFF(Universidade Federal Fluminense). Rio de Janeiro, n.º. 26, volume 13, janeiro de 2009. p. 18.

caminhos que, acreditava-se, somariam para a resolução das questões da melhor maneira possível. As inovações tecnológicas bem como os conhecimentos que ganhavam cada vez mais espaço na sociedade também contribuíam para essa perspectiva otimista. A principal transformação na qual a sensação de velocidade das transformações era literalmente sentida, consistia na expansão das estradas de ferro – responsáveis pelo transporte de pessoas e produtos em tempo surpreendentemente menor do que pelos meios manufaturados. Sobre os avanços na tecnologia de comunicação, houve mesmo a realização de uma “expedição encarregada de mapear e ligar telegraficamente todo o sertão”.⁴⁰

Nas cidades, havia organizações empenhadas em proteger a “civilização” da “barbárie”; nos campos, os sertanejos percorriam estradas já conhecidas e, em alguns casos, rodovias que foram construídas pelos mesmos em tempos anteriores e, ainda, inúmeras obras de caridade que tiveram como ponto de partida os acontecimentos da Grande Seca de 1877-79. Pesquisando a caridade como um dispositivo de gestão social e política, Antonio Ferreira demonstra na defesa de sua tese a articulação de organizações católicas que tinham por objetivo controlar os sertanejos retirantes em Fortaleza, o autor cita, dentre outras, a fundação da Ação Social Católica e a Liga das Senhoras Católicas. Havia, também, a organização de “festas da caridade em favor da pobreza”.⁴¹

Sobre o uso de caminhos construídos por retirantes em obras públicas de secas anteriores, diz Armando Neto:

Em 1915, novo período de seca se anuncia. Novamente levas de retirantes chegam diariamente à capital, agora utilizando-se da estrada de ferro construída por retirantes de secas anteriores. A ferrovia, planejada para integrar os sertões, lançar as bases de seu desenvolvimento econômico e facilitar o transporte de alimentos em períodos de seca, transformou-se em uma fonte de despejo de retirantes em Fortaleza.⁴²

Os eventos que permeavam a realidade regional contribuíram de forma significativa para agravar as problemáticas que provinham da seca. Assim como em grande parte do Brasil, no Ceará, a força das oligarquias dominava o centro das relações políticas e econômicas. Nesse cenário, os conflitos pela detenção do poder engendrariam eventos

⁴⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Editora Brasiliense: São Paulo. 1995. p. 59.

⁴¹ FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves. *A miséria da piedade: o governo da pobreza no dispositivo da caridade (Fortaleza, 1880-1930)*. Tese de doutorado. PPGHIS-UFC, 2019, p. 16.

⁴² NETO, Armando Pinheiro. *De curral da fome a campo santo: o campo de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UNIRIO, 2014, p. 48.

violentos em todo o território estadual, ocorrendo em maior escala em meio urbano, certamente por ser o polo das decisões concernentes à sociedade em geral. No extremo norte, vê-se a capital Fortaleza, tendo Baturité mais ao sul e Sobral no Noroeste; Quixadá está mais para o centro do território, enquanto Crato e Juazeiro do Norte representavam as principais urbanizações no sul do Estado.

Um dos acontecimentos mais significativo nesses conflitos populares entre as oligarquias, em 1912, consistiu na insurreição ocorrida nas ruas de Fortaleza, quando os adeptos de Rabello incentivaram manifestações em resposta ao pleito eleitoral que reelegera Accioly como Presidente do Estado. No que diz respeito aos mandos e desmandos da oligarquia Accioly, “ao longo desses dezesseis anos de domínio político, o oligarca lançou mão, reiteradamente, de práticas despóticas e corruptas, além do uso corriqueiro da violência contra seu crescente número de adversários políticos”.⁴³

Ora, por mais que a recente historiografia sobre a Primeira República problematize conceitos como “Coronelismo” e “Voto de Cabresto”, é notório os embaraços vividos nos processos eleitorais da época. O status de cidadania era fortemente limitado, haja vista os requisitos econômicos, sociais e educacionais impostos à população; logo, o exercício do voto era uma atividade constantemente corrompida por àqueles que detinham o poder. Em localidades como o sertão, a fiscalização era publicamente deficitária.⁴⁴ E, como já mencionado, as relações socioeconômicas de tipo paternalista também contribuíam em muito para corromper as ideias sobre os pleitos eleitorais; aliás, mesmo não sendo concernente ao poder político oficial, para muitos que não dispunham de terra própria e, portanto, dependiam dos humores do patrão, o bom relacionamento entre o vaqueiro e o fazendeiro é imprescindível para a sobrevivência nos sertões do Ceará de 1915.

Seguindo a contextualização, o simbolismo da queda de Accioly está no fato de seus inimigos políticos – ferrenhos liberais e defensores do processo de modernização nos espaços do Ceará –, incentivarem as massas contra o poder estabelecido; atentando aqueles, porém, para qualquer ocorrência que obscurecesse a caminhada civilizatória. Logo,

⁴³ **PONTE**, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: **SOUZA**, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 181.

⁴⁴ **RESENDE**, Maria Efigênia Lage. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: **FERREIRA**, Jorge. **DELGADO**, Lucília (orgs). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

a destruição ultrapassa as expectativas das próprias lideranças liberais de oposição, que se desapontam com as possibilidades da participação popular nos negócios públicos e temem que as massas, uma vez colocadas em movimento pela revolta, pudessem destruir a própria civilização.⁴⁵

Desta feita, “a massa enfurecida não poupou os signos da remodelação urbana em curso: arrancou postes de iluminação, incendiou bondes, saqueou lojas e depredou o belo jardim Nogueira Accioly [...]”.⁴⁶ Portanto, indo contra a ideia que lega às classes populares tamanha ignorância ao ponto de não terem consciência sobre as questões que direcionam a sociedade, é perceptível a força das multidões que não mais aceitam as injustiças e opressões das elites – são estes, enfim, agentes históricos cientes do seu papel político em uma clara luta de classes.

Para além da queda de Accioly, após décadas usufruindo de privilégios ancorados no sofrimento do povo, as massas, mais uma vez, demonstram sua determinação ao insurgir-se contra Rabello, em 1914 – apenas dois anos após o início de seu mandato. Nesse caso, importa notar a atuação de figura controversa no decorrer dos eventos, tal qual o chamado santo do Juazeiro: Padre Cícero (1844-1934). Entre imagens de sagrado e profano, a História daquele que ficou conhecido como *Padim Ciço* é fascinante em sua complexidade – adorado por uns e odiado por muitos outros, o beato construiu sua trajetória em uma localidade de forte tradição católica. É sabido, pois, como a religião é fator determinante na realidade de um agente histórico, seja contra ou a seu favor. Deste modo, “a religiosidade se fazia como tática de sobrevivência. [...] a vivência do sagrado fornecia sentidos para o entendimento do mundo e, ao mesmo tempo, funcionava como uma maneira (ou uma tentativa) de arrefecer os padecimentos do dia-a-dia”.⁴⁷

Sendo o “santo” muito atuante e um dos representantes oficiais do catolicismo no Ceará, este protagonizou o que ficou registrado em fontes e na historiografia como a Sedição de Juazeiro. Por isso, tem importante papel nas relações de poder que se estabelecem entre as oligarquias em suas inúmeras disputas – em especial, no sul do Estado.

⁴⁵ NEVES, Frederico de Castro. *A Seca na História do Ceará*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 86.

⁴⁶ PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 183.

⁴⁷ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Juazeiro e Caldeirão: espaços de sagrado e profano*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 348-349.

Em um espaço de tempo que não ocupa mais do que a metade de uma década, houvera três nomes disputando o poder local: Nogueira Accioly, Franco Rabello e Benjamin Barroso. Embora o sobrenome da oligarquia mude, o regime político pouco se transforma em suas estruturas; a bem da verdade,

A eleição de Franco Rabello não representou uma ruptura na forma de governar que se utiliza das práticas oligárquicas. Apenas aconteceu uma mudança de grupos políticos no poder estatal. Permaneciam as velhas práticas do coronelismo, com suas velhas tramoias, feitas de violência e arbitrariedade.⁴⁸

Deste modo, interessa constatar a força de Padre Cícero no meio oligárquico – por quanto sua imagem e atividades mais explícitas detivessem caráter de cunho popular, havia também grande poder político em suas mãos. Dependendo de quem falava, *Padim Cição* poderia ser santo ou, igualmente, um fanático – em toda sua ambiguidade, era visto, enfim, como um “santo dos fanáticos”. Isto se devia aos recentes acontecimentos de Canudos (1896-1897) junto de seu líder Antônio Conselheiro (1830-1897). Era preciso, pois, fugir dos extremos de forma que um meio termo fosse alcançado. Em outras palavras, “a exaltação que muitos membros das classes média e alta desenvolveram em torno do Padre Cícero, até mesmo chamando-o de santo, construiu-se com a preocupação de não apresentar ‘manifestações de ignorância religiosa’”.⁴⁹

No mais, como uma figura oficial do catolicismo, em teoria, o sacerdote deveria seguir à risca os mandos da Igreja – o que não ocorreu, pois, de acordo com as leis canônicas, a elevação de um ser humano ao *status* de “santo” é algo extremamente complexo; vale mencionar, também, que é um processo vagaroso o qual está restrito ao âmbito sagrado – e não popular; por tudo isso, o padre do Juazeiro não foi, oficialmente, considerado santo. A Igreja, por sua vez, também se preocupava com a imagem que os eventos de Juazeiro poderiam trazer para os cristãos, em especial quando termos clérigos eram publicamente utilizados por agentes que não gozavam de uma formação sacerdotal. Deste modo, excetuados as elites e a igreja, a grande massa que de fato protagonizou os conflitos pouco tinha de seus interesses representados no processo – eram vistos como bárbaros ou, no máximo, soldados mergulhados no fanatismo.

Em síntese, sobre o conflito em si, há diversas interpretações de contemporâneos ao evento tanto quanto da historiografia sobre a temática – desta forma, há conceitos como

⁴⁸ *Ibidem*, p. 359.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 368.

“sedição” ou “revolução” de Juazeiro; fato é que o caráter de “revolta” deste conflito é inegável. Assim, após a dissidência decidida em assembleia realizada entre os revoltosos na dita região, logo tropas oficiais do Estado foram enviadas para combater aqueles que se dispunham a lutar em favor da oposição. Deste modo, percorrendo longa distância em inúmeros conflitos, os sediciosos chegam em Fortaleza – é decretado Estado de Sítio no Ceará e Rabello abandona seu mandato. A partir dos fatos elencados, é plausível afirmar como *Padim Ciço* tornou-se poderoso personagem na lógica da política oligárquica.⁵⁰

Por tudo isso,

Para a História Política do Ceará, a ‘sedição de juazeiro’ é mais um conflito entre as classes dominantes, mais uma luta pelo poder constituída por interesses particulares e de grupos políticos ou econômicos. Para os que lutaram em defesa de juazeiro, a ‘guerra de 14’ assumia vários significados. A multidão de combatentes era composta por uma massa muito heterogênea. Muitos acreditavam que se tratava de uma guerra em nome de Deus.⁵¹

À propósito de conclusão, fica demonstrado como as inúmeras questões que advém da seca em si devem ser analisadas em concomitância com o estudo do meio no qual ela se passa. Assim, se faz possível esclarecer não apenas o fenômeno de forma isolada, mas, além de considerar seus agravantes, compreender a relação que se estabelece entre agentes que vivenciam tal processo histórico, enxergando suas especificidades na complexa teia que é a História. Ante o contexto histórico que aqui se expôs, *A Lucta* protagoniza importante papel nas discussões em curso – levando a fio os combates físicos e intelectuais vivenciados no Ceará da Primeira República.

⁵⁰ CAMURÇA, Marcelo. *A 'Guerra do Juazeiro' de 1914 em duas versões historiográficas opostas*. Revista do Instituto do Ceará, v. 132, p. 115-130, 2018.

⁵¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. op. cit. p. 361-362.

CAPÍTULO 2 – A seca e “A Lucta”



A Lucta, Nº 70. 1 de setembro de 1915. Disponível em:

http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00070.pdf [acesso em: 21/12/2022]

Ilustrada pela figura acima, a fonte em questão tinha nos dias de quinta-feira a sua publicação na cidade de Sobral e demais regiões do Ceará – incluindo, certamente, a capital Fortaleza. No cabeçalho, em destaque no lado esquerdo do título “*A Lucta*”, lê-se “diga-se a verdade na terra embora desabem os ceos” e, igualmente no lado direito, imprime-se “conte-se o caso como o caso foi; o cão é cão e o boi é boi”. Também na parte superior constam informações avulsas, tal como data, valor das assinaturas, endereço, etc. É explícito a determinação do diretor e proprietário Deolindo de transparecer um forte compromisso com a verdade e a autonomia em suas publicações, de acordo com a sua imagem pública de homem letrado e politizado – a postura do redator, é interessante constatar, pode estar identificada com os pioneiros discursos historiográficos dos confins do século XIX, qual seja, a busca incorruptível pela verdade.⁵²

Além do mais, é possível observar uma estrutura padrão nas edições selecionadas para a presente pesquisa. Desta forma, nas duas primeiras páginas, de modo exclusivo, estão os artigos noticiosos e de opinião – muitas das vezes, nota-se, são notícias seguidas de críticas. Os textos são escritos em parte pela redação do jornal; no entanto, com algum grau de importância, há também autores que contribuem para o semanário, dentre os quais existem os que possuem coluna fixa no jornal – grande parte dos outros constituem-se de cartas enviadas ao jornal por leitores para serem publicadas; fato é que Deolindo denota maior relevância para esse tipo de conteúdo; trata-se, em grande medida, sobre questões políticas, sociais, econômicas e culturais. De outra maneira, as duas últimas páginas são ocupadas por anúncios dos mais diversos tipos – fixos e aleatórios –, além de informações

⁵² **SALIBA**, Elias Thomé. *Pequena história do documento: aventuras modernas e desventuras pós-modernas*. In: **PINSKY**, Carla Bassanezi; **LUCA**, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 309-328.

voltadas para a população local; entretenimento, telegramas e também notícias pontuais. Notadamente, acima do valor das assinaturas, a publicidade se mostra determinante no financiamento da publicação e circulação do periódico. Para exemplificar, a cobrança junto ao público do jornal pode ser constatada em diversas edições, enquanto a propaganda de produtos e serviços ocupam páginas inteiras semanalmente n’*A Lucta*. Nas edições de Nº 49 e 50, de abril, há cobrança de assinaturas dos leitores em destaque nas duas primeiras páginas. Em agosto, novamente, consta mais cobrança dos assinantes. *A Lucta* expõe que os devedores não residem apenas em Sobral, mas também em regiões adjacentes. Nas páginas destinadas aos anúncios, os produtos e serviços com grandes espaços nas folhas são reproduzidos em todas as edições consultadas.⁵³

Por fim, embora não tenha sido possível obter a fonte em mãos – haja vista o uso da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional –, fica exposto as principais características do documento. No mais, cabe cumprir nosso objetivo de compreender o que dizia *A Lucta* sobre a seca de seu tempo tal como suas decorrências, em especial a fome; além, ainda, do aspecto socioeconômico e os interesses encobertos por aquilo que se propunha como meio de solucionar o chamado problema secular do Ceará – segregando, trabalhando ou migrando? Finalmente, é preciso apontar que uma opção não anula, necessariamente, a outra.

2.1– Um problema social

É de amplo conhecimento a relevância da periodicidade de chuvas para a prosperidade humana. Certamente, devido às especificidades de cada região, a estiagem gera maior impacto em algumas sociedades quando se comparada com outras: é o caso do Ceará, cuja economia de subsistência centra-se fortemente na regularidade d’água. Segundo um autor contribuinte que assina como Jota Emme, “as chuvas no Ceará é innegavelmente o elemento constructor das nossas esperanças, opera directamente no problema de nossa vida de industrial ou lavrador” – ou seja, “a alma do cearense é a chuva”.⁵⁴ Nesse sentido, qualquer expectativa de seca é responsável por contribuir para uma sensação coletiva de incertezas e inseguranças e, assim, conforme avança os dias

⁵³ *A Lucta*. Nº 49, 50 e 67. Respectivamente, 7 e 14 de abril e 11 de agosto. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00049.pdf ;
http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00050.pdf ;
http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00067.pdf [acesso em: 23/12/2022].

⁵⁴ Jota Emme. In: *A Lucta*, Nº 39. 28 de janeiro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00039.pdf [acesso em 21/12/2022].

secos em tempo de inverno, semanalmente a imprensa confabula sobre tão temido assunto.⁵⁵

No início de 1915, precisamente no dia 21 de janeiro, *A Lucta* resguardava um pequeno espaço em sua segunda página para abordar a crescente falta de chuvas no território do Ceará. A redação afirma que “a secca está assumindo proporções verdadeiramente assombrosa”, de forma que “a fome já começa também a atingir a humanidade” – além da “falta absoluta de trabalho para o operariado”.⁵⁶ Tal fato aponta para a primeira publicação sobre a *Seca do Quinze* na fonte. Em 5 de maio o jornal pede ao governante Benjamin Barroso o decreto oficial da seca naquele estado.⁵⁷ Novamente, em 26 de maio, ao noticiar que tanto o Piauí quanto o Rio Grande do Norte haviam decretado o mesmo, os redatores reiteram sua solicitação.⁵⁸ As autoridades do Ceará, por sua vez, haviam telegrafado ao governo federal na data de 22 de maio para informar sobre a situação e solicitar recursos.⁵⁹ Conforme a espera pela chuva aumenta, os discursos a seu respeito ascendem.

A seca, enfim, passa a oficializar em partes do nordeste brasileiro e vai adquirindo destaque nas páginas do jornal – concomitantemente, as problemáticas que norteiam a questão tomam, pouco a pouco, formas variadas. Como se verá, por meio da leitura da fonte, pode-se inferir o argumento central defendido pelas diversas autorias que escrevem para *A Lucta*. Assim, mesmo havendo divergências entre alguns pontos, tal como as diferentes soluções apresentadas, a ideia principal está na afirmação segundo a qual independente da natureza, os governantes podem intervir na conjuntura à medida que, constitucionalmente, é dever do Estado amparar seu povo diante de calamidades – naturais ou não.

⁵⁵ Já no final de fevereiro, o cronista que assina como Justos salienta: “Não posso se quer avaliar o quanto de miséria nos poderá advir, se o inverno não correr presuroso, fecundo e abundante em nosso auxílio.” Justos. In: *A Lucta*, Nº 43. 25 de fevereiro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00043.pdf [acesso em: 22/12/2022]. No início de março, a redação reitera: “ou temos inverno, ou os ricos ficarão reduzidos á miséria e os pobres com a nossa pecuária succumbirão á mingua de sede e fome” In: *A Lucta*, Nº 33. 4 de março de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00044.pdf [acesso em: 22/12/2022].

⁵⁶ *A Lucta*, Nº 38. 21 de janeiro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00038.pdf [acesso em: 21/12/2022].

⁵⁷ *A Lucta*, Nº 53. 5 de maio de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00053.pdf [acesso em: 21/12/2022].

⁵⁸ *A Lucta*, Nº 56. 26 de maio de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00056.pdf [acesso em: 21/12/2022].

⁵⁹ *A Lucta*, Nº 58. 9 de junho de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00058.pdf [acesso em: 21/12/2022].

Nesse sentido, a própria ideia de seca sofreu transformações conforme os anos foram passando – de fenômeno restrito ao aspecto climático para tornar-se, nos confins do século XIX, um problema de cunho socioeconômico.

Embora sofresse com a escassez de chuvas desde antes da invasão do território por colonos europeus, é somente a partir da Grande Seca de 1877-1879 que o Império e seus dirigentes passam a legar atenção aos fatídicos problemas do nordeste. A calamidade foi tamanha que, a partir daquele momento, as ideias sobre seca sofreriam alterações significativas; não apenas da estiagem em si, mas também no que se refere aos meandros de uma realidade tomada pela fome, pobreza, miséria e, acima de tudo, resistência. Conforme a esperança de chuva vai desaparecendo e a experiência de períodos passados vai se acumulando, “a surpresa [da seca] vai sendo substituída pelo temor e pelo desprezo”.⁶⁰

A imprensa, parte da intelectualidade e grandes literatos tomam para si a missão de mostrar explicitamente a miséria que assolava a população que habitava o sertão do Brasil – se, antes, havendo quem não acreditasse nos testemunhos, agora, com a ascensão da fotografia, não havia mais como adiar ou, ainda, obscurecer a catastrófica realidade daqueles que resistiam ao poder fatal da fome. Em discurso de fôlego proferido para a Câmara dos Deputados (posteriormente publicado no formato de livro), em 15 de outubro de 1917, uma importante figura do Ceará de nome Idelfonso Albano (1885-1957), além de descrever a situação de seu Estado, criticar a negligência do Governo Federal frente ao referido problema e apresentar propostas nas quais acreditava serem a solução para a questão da seca, também traz consigo fotografias de multidões, famílias e crianças visivelmente maltrapilhas, doentes e cadavéricas – notadamente, os objetivos de sua fala estão inseridos nos interesses da elite cearense.⁶¹ Em 1930, também, Rachel de Queiroz publicava uma das obras que marcaria toda sua trajetória, o livro chamado *O Quinze*, um romance em referência à seca de 1915.⁶²

Posto isto, segundo o historiador Frederico de Castro Neves,

O ano de 1877 se tornou um marco na compreensão do problema da seca e o impacto causado pelas cenas que então se desenrolaram fixou-se profundamente na cultura. Neste momento, a irregularidade de

⁶⁰ NEVES, Frederico de Casto. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 63.

⁶¹ Cf. ALBANO, Idelfonso. *O Secular Problema do Nordeste*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917.

⁶² Cf. QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.

chuvas deixa de ser ‘apenas’ uma questão climática para se tornar uma questão social, que a todos afeta e que o estado brasileiro não poderá mais ignorar.⁶³

Em um de seus artigos, Mario Lebon – assíduo contribuinte, atribui o caráter social da seca a partir da contraposição entre seu momento atual e as circunstâncias que permeavam as experiências de 1877-1879. Por fim, o autor sintetiza:

As nossas condições climatericas, concordo, são o nosso principal algoz, mas não é isto motivo assás justificavel para increparmos as leis da natureza, quando temos ás mãos o remedio salvador nas leis constitucionaes que nos regem. [...] Para salvar uma população não deve haver crise; o governo onére os cofres publicos com dividas (internas?) que mais tarde pagará, mas não assista indifferente a eliminação estúpida pela fome de tantos cidadãos. Para grandes calamidades, grandes sacrificios.⁶⁴

Assim, a partir do momento em que a responsabilidade recaí sobre as autoridades governamentais e não somente acerca da natureza, novas concepções quanto ao fenômeno da seca ascendem na sociedade e encontram na imprensa um importante meio de divulgação. Em edição posterior, Lebon chama atenção para a força das transformações que ocorrem em decorrência dos infortúnios perpetrados pela irregularidade das chuvas; qual seja o surgimento de novas formas de sociabilidade a partir das trocas culturais entre os protagonistas de tal processo histórico. Utilizando-se de uma linguagem metafórica, Deolindo narra a realidade daquele momento no sentido de um verdadeiro espetáculo. Nas suas palavras:

“Vae começar o espectáculo! Entram os protagonistas: do fundo, surge uma interminavel columna do operariado e agricultores, maltrapilha, famelica, esqualida, impressionante a mendigar o serviço, onde possa se escudar contra a fome; da direita, saem os depositarios dos generos, que negando-lhe qualquer auxilio, apenas lhe oferecem, a dinheiro á vista, os generos por preço triplicado, e os senhorios exigentes, que sob ameaça de despejo, desejam receber os alugueis a todo [?]; da esquerda, vem o commercio, sobraçando um masso de contas, solicitando da misera columna o seu pagamento.⁶⁵

Em síntese, “no seio desta sociedade que se desagrega em consequencia do flagello devastador da sêcca, tende a se formar uma nova sociedade”.⁶⁶ Nesse sentido, a redação d’*A Lucta*, por sua vez, se posiciona enfaticamente quando escreve a respeito dos

⁶³ NEVES, Frederico de Castro. *A Seca na História do Ceará*. In: SOUZA, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 80, 2000.

⁶⁴ Mario Lebon. In: *A Lucta*, N° 72. 15 de setembro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00072.pdf [acesso em: 21/12/2022].

⁶⁵ *A Lucta*, N° 48. 1 de abril de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00048.pdf [acesso em 22/12/2022].

⁶⁶ Mario Lebon. In: *A Lucta*, N° 73. 22 de setembro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00073.pdf [acesso em: 21/12/2022].

“causadores” ou, melhor dizendo, dos responsáveis pela potencialização da miséria vivenciada em períodos secos. Sob um artigo intitulado “Miseria!”, Deolindo esclarece que

O povo, entretanto, não deve continuar attribuindo seus infortunios a maldição ou a castigos do Céu, não. Grande parte da responsabilidade de tanta miseria cabe aos homens desta zona e ás auctoridades locaes, que mais empenhados na questão da sucessão presidencial, do que na solução do terrivel problema da secca, têm abandonado o povo aos caprichos da natureza madrasta.⁶⁷

Desta feita, é possível constatar a maneira pela qual o semanário reafirma a opinião de seu contribuidor, pois, ao que se infere do texto, as autoridades políticas imporiam mal maior ao povo do que propriamente a irregularidade do inverno. Em outra publicação, Deolindo reitera que a partir das experiências do passado a seca daquele momento deveria encontrar respaldo no Estado e não na natureza. O brasileiro, na perspectiva do redator, não é precavido, pois, “contra as seccas, que desde o seculo 17 nos infeliza, em periodos mais ou menos regulares, e que por isto mesmo já deixou de ser um phenomeno climaterico, como erradamente as chamam, nunca nos precavemos”.⁶⁸

Portanto, mesmo com uma realidade mais avançada e tecnológica, as tragédias continuam as mesmas embora em circunstâncias diferentes e, nesse sentido, a sociedade detém capacidade de solucionar as questões que, antes, era consideradas impossíveis de serem resolvidas. Em diversos momentos, como observamos, os autores olham para as agruras de 1877-79 no intuito de melhor discernir as tragédias que vivenciam no seu presente e, assim, propõem caminhos diferentes daqueles percorridos anteriormente – o passado, segundo tal concepção, não proporcionava as condições necessárias para a solução hidráulica através do trabalho e, por isso, tinha na migração a única resolução. Mario Lebon, ao refletir sobre o século XIX e seu tempo contemporâneo, afirma:

É logico que a emigração em si é um mal e no caso actual seria justificavel si não se lhe pode-se contrapor outros meios salvadores de maior alcance. Em 77 [...] foram tres annos de expiação em que o Ceara não tinha proximamente a experiencia de uma secca tão grande. [...] O governo até então não ruidára de debellar os efeitos do tal flagello, e os socorros publicos tomaram quase a feição de uma experiencia. O Ceará tinha contra si o progresso ainda embryonario. Faltavam-nos as Estradas de Ferro, quase o unico meio de transporte em tempos de secca. A variola concorreu para dizimar a população, devido à aglomeração de emigrantes em Fortaleza. Naquelle tempo os meios prophylacticos eram quase nullos contra esta epidemia. Houve logar

⁶⁷ A Lucta, N° 78. 27 de outubro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00078.pdf [acesso em: 21/12/2022].

⁶⁸ A Lucta, N° 81. 17 de novembro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00081.pdf [acesso em: 21/12/2022].

para a emigração porque, como disse acima, ainda não havia sido estudado o problema da seca, e julgou-se medida salvadora permitir a emigração em falta de outros meios que já hoje temos a mão.⁶⁹

A citação acima funciona de maneira exemplar para sintetizar aquilo que almejamos dar continuidade na presente monografia; isto, no que diz respeito ao aprendizado com grande seca de 1877-79 sobre os protagonistas do processo histórico de 1915, em especial sobre as ideias de seca e os caminhos para seu desenlace. As questões referentes à fome, entretanto, merecem, aqui, a devida atenção antes de nossa análise seguir adiante.

Dito isto, tal como a seca, no Ceará de 1915, a concepção naturalista a respeito da realidade famélica em períodos de estiagem detinha inúmeros adeptos na sociedade como um todo. Logo, no decorrer do tempo, construiu-se um imaginário segundo o qual a fome seria quase que inerente ao Nordeste; afinal, muito se compreendia as secas como algo intrínseco à região semiárida e, nesse sentido, se a falta de chuvas constituía o enredo da vida no sertão, automaticamente, a escassez de alimentos também se faria presente. Assim, a ideia de fome em sua consequente associação com a seca é, em grande medida, compreendida como algo inoperável, pois sua alçada não estaria na sociedade, mas sim na natureza.

Deste modo, pouco a pouco, de maneira semelhante quanto ao fenômeno da seca, a fome vai adquirindo caráter social conforme os processos históricos vão se edificando. Se tratando da *Seca do Quinze*, como já exposto, as ideias que ascendem de acordo com o contexto da época fornecem elementos cientificistas para contornar os problemas que permeavam a sociedade – aqui, importa legar a devida importância para a intelectualidade responsável por inculcar o aspecto social no debate em voga, dentre os quais Pompeu Filho e Teófilo são exemplares. No entanto, é a partir dos escritos de Josué de Castro que os estudos da fome e suas condições de desenvolvimento adquirem notoriedade e, mais importante, alcançam estatuto não apenas social, mas também político e econômico. Frederico de Oliveira Toscano, em seu artigo, afirma:

Obras como as de Pompeu Filho e Rodolfo Teófilo trouxeram, ainda no século 19, relatos e estudos acerca dos horrores da fome, mas careciam de análises mais profundas sobre suas causas. Embora, por vezes, criticassem a ineficiência do governo em combater a desnutrição no Nordeste, ainda a tratavam puramente como uma consequência das secas. Já o médico pernambucano seria um dos primeiros e também um dos maiores defensores da ideia de que a fome que corroía o Brasil era

⁶⁹ Mario Lebon. In: A Lucta, Nº 72. 15 de setembro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00072.pdf [acesso em: 23/12/2022].

não o resultado de um fenômeno natural e irremediável, mas o reflexo de séculos de exploração econômica do setor privado e da omissão do Estado.⁷⁰

Em síntese, sobre a fome no sertão árido segundo Josué de Castro, a ineficácia das ações públicas juntamente de um sistema político e econômico instável – somado ao clima desfavorável com sua falta de periodicidade no regime de chuvas, seriam as forças determinantes na construção social de uma população desnutrida.⁷¹ Por fim, de acordo com Milton Santos, “ele [Josué de Castro] mostrou que a vertente naturalista, segundo a qual esse fato se devia às contingências do clima, era uma explicação equivocada”.⁷²

Nesse sentido, nas palavras do autor de *Geografia da Fome*, sobre a problemática que norteia nosso trabalho, diz ele:

Da seca de 1915 tem-se um documentário admirável na obra de Rachel de Queiroz, *O Quinze*. Romance em que, mais do que a miséria orgânica dos sertanejos esfomeados, é retratada em traços seguros a miséria moral a que ficam eles reduzidos durante esse período de privações extremas. Poucos livros se prestam tão bem para uma interpretação científica das influências psicológicas do fenômeno coletivo, sobre a conduta moral de um povo, do que este romance de Rachel de Queiroz.⁷³

Embora não se faça uso da literatura como fonte histórica em nosso estudo da *Seca do Quinze*, cabe buscar n’*A Lucta* seus discursos sobre a fome – as noções de seu aspecto social em concomitância com aquilo que se articulava no debate sobre o pauperismo famélico em 1915 no Ceará. Já em fins de janeiro, o semanário, pela primeira vez e em curtas linhas, afirma que “a fome já começa também atingir a humanidade”.⁷⁴ Pouco menos de dois meses depois, denunciava: “já vê-se alguns esqualido se transformando em verdadeiras mumias”.⁷⁵ Segundo o redator, os retirantes “erram sem norte sem pão

⁷⁰ **TOSCANO**, Frederico de Oliveira. *O inimigo é a fome: breve histórico da escassez alimentar no Nordeste e do papel do Estado em seu enfrentamento*. Projeto História, São Paulo, v. 68, Mai-Ago, p. 377, 2020.

⁷¹ **SILVA**, Ângelo Magalhães; **DE OLIVEIRA**, Janeson Vidal. *A fome na narrativa do semiárido das secas e o direito ao desenvolvimento*. Redes, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p. 143-161, maio 2019. ISSN 1982-6745. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/redes.v24i2.13002>. [acesso em: 04/01/2023]

⁷² **SANTOS**, Milton. *Apresentação – Josué de Castro e a geografia da fome*. In: **CASTRO**, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 29. 2011.

⁷³ **CASTRO**, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 211. 2011.

⁷⁴ A Lucta, Nº 38. 21 de janeiro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00038.pdf [acesso em: 04/01/2023]

⁷⁵ A Lucta, Nº 46. 18 de março de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00046.pdf [acesso em: 04/01/2023]

sem lar, pelas estradas onde transitam a Fome, o Pranto e a Dor”.⁷⁶ Por fim, em junho, um dos contribuintes que assina como Leonardo Motta conclui: “chega a ser um crime estarmos esperando que a Fome faça as primeiras vítimas!”.⁷⁷

Na maneira d’A *Lucta* enxergar, o fato de as autoridades governamentais não agirem efetivamente contra a fome seria algo inaceitável – afinal, a humanidade já provara sua capacidade de agir sobre aquilo que, antes, era entendido como castigo da natureza; logo, tratava-se de incompetência por parte dos líderes políticos. No prefácio daquilo que se tornou uma de suas mais importantes obras, em anos posteriores ao trágico fim de Deolindo, Josué de Castro questiona se “será por simples obra do acaso que o tema não tem atraído devidamente o interesse dos espíritos especulativos e criadores dos nossos tempos?”⁷⁸ O questionamento do autor é interessante na medida que, embora desencontrados, ambos personagens chegaram a ser contemporâneos.

Posto isto, é possível constatar a forma pela qual a fome, a partir da experiência das secas, passa a ser entendida independentemente de sua conotação geográfica – física, tornando-se alvo de acirrados debates a respeito de como solucioná-la. Ora, segundo essa perspectiva, notadamente identificada no jornal *A Lucta*, a fome, embora não natural, continua condicionada ao fenômeno da seca – é, portanto, a ideia de causa/consequência que rege os escritos do periódico em questão, o qual esquece-se de que, por mais que a fome seja, de fato, um corolário da irregularidade de chuvas; ela não se limita, necessariamente, ao seu escopo. Em suma, há fome quando não há seca; logo, a fome não se restringe à seca. Josué de Castro é cirúrgico quando diz,

Há tempos que nos batemos para demonstrar, para incutir na consciência nacional o fato de que a seca não é o principal fator de pobreza ou da fome nordestinas. Que é apenas um fator de agravamento agudo desta situação cujas causas são outras. São causas mais ligadas ao arcabouço social do que aos acidentes naturais, às condições ou as bases físicas da região.⁷⁹

A fome, pois, naquele momento, passa a ser obstáculo execrável a ser ultrapassado na medida em que tal funcionava como uma das inúmeras engrenagens responsáveis pelo

⁷⁶ A *Lucta*, Nº 48. 1 de abril de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00048.pdf [acesso em: 04/01/2023]

⁷⁷ Leonardo Motta. In: *A Lucta*, Nº 57. 2 de junho de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00057.pdf [acesso em: 04/01/2023]

⁷⁸ CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 12.

⁷⁹ CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 242.

atraso do Ceará em relação ao Rio de Janeiro; pelo atraso do Brasil frente aos EUA e também Europa. Deste modo, “ganhava força a ideia de que o homem pouco nutrido ou alimentado de forma ineficiente era incapaz de funcionar de forma adequada e, talvez mais importante, contribuir com sua força para o desenvolvimento da nação”.⁸⁰ Certamente, uma população em estado de inanição torna-se impossibilitada – mental e fisicamente –, de executar os pesados serviços requeridos nas obras públicas. A fome, enfim, em suas inúmeras condicionantes e variantes, deixa de ser negligenciada e adquire a devida visibilidade; isto se dá a partir do momento que esta incapacita a mão de obra retirante de erguer o projeto modernizador do Ceará.

Por fim, as soluções para as decorrências da seca eram apresentadas e discutidas e a chamada solução hidráulica, por sua vez, tem amplo apoio nas páginas d’*A Lucta* – embora também haja discursos a favor da migração. Ambas resoluções estariam em polos opostos, isto é, para materializar a construção dos açudes, de modo que se possa armazenar água para as épocas de seca, é preciso mão de obra, a qual, por sua vez, não seria acessível caso a população do Ceará seja obrigada a se deslocar de seu território de origem, justamente pela falta d’água, rumo à sobrevivência.

2.2– Trabalho *versus* Migração

As ações governamentais demonstram perspicácia ao fazer uso das condições desumanas de sua população para angariar financiamento federal – os discursos públicos e oficiais destacam-se nesse cenário. Como exemplo simbólico, em estudo sobre o discurso mencionado anteriormente de Idelfonso Albano, Bianca Freitas diz: “[conforme] nos aponta Kênia Rios (2014) O Secular Problema da Seca era uma estratégia para conseguir maiores verbas do governo Federal para o Estado do Ceará.”⁸¹

Por meio de tais circunstâncias, um forte debate se desdobra entre autoridades e intelectuais – tendo como determinante estratégia a divulgação das ideias nos meios de comunicação correntes da época; isto é, na imprensa. São supostas soluções para auxiliar

⁸⁰ **TOSCANO**, Frederico de Oliveira. *O inimigo é a fome: breve histórico da escassez alimentar no Nordeste e do papel do Estado em seu enfrentamento*. Projeto História, São Paulo, v. 68, Mai-Ago, p. 364, 2020.

⁸¹ **FREITAS**, Bianca Nascimento de. “*Os manos Jeca e Mané*”: o sertão e o sertanejo na escrita combativa de Idelfonso Albano no início do século XX. Encontro Nacional de História Política, 2015, Fortaleza. História, rupturas institucionais e revolução. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015. v. 1. p. 7. Cf. **RIOS**, Kênia Sousa. *Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/10380> [acesso em: 17/11/2022].

o povo em seu sofrimento – assim, é o trabalho e a migração em discussão. Em outras palavras e, como observa Kênia Rios, “a intensa utilização da mão-de-obra flagelada, aliada a um determinado direcionamento dos recursos federais, dava impulso ao progresso urbano de Fortaleza”, isto é, “a relação de benefício com a calamidade climática era explícita”.⁸²

Por meio da reprodução de imagens aterradoras dos retirantes, as autoridades do Ceará solicitam continuamente auxílio financeiro – o argumento está na insuficiência do numerário estadual, sem deixar de mencionar, também, o esgotamento da caridade particular. Nas palavras de Cruz Filho, “a caridade particular torna-se impotente para socorrer os famintos, que aguardam a sempre tardia ação do governo em lhes prestar assistência com serviços públicos”.⁸³ O montante arrecadado seria destinado às vítimas, muito se dizia; mas, na prática, o destino das verbas direcionava-se ao aformoseamento das cidades e ao empreendimento de maquinário de última geração para edificações modernas. As palavras argumentavam sobre a necessidade de investir no Nordeste – não como “caridade” ou simplesmente “ajuda” aos sertanejos, mas sim como investimento, pois, com a resolução do problema secular da seca, os nordestinos poderiam trabalhar plenamente, de forma que a União receberia os frutos do que seria produzido.⁸⁴

O discurso corrente, nesse sentido, era de glorificação do mérito por meio do trabalho. Tais ideias compreendiam as necessidades humanas de água, comida e roupa serem conquistadas através de si, fazendo uso do serviço oferecido. Uma troca afirmada e reafirmada como algo justo: para sobreviver, é preciso merecer e o merecimento advém do trabalho prestado. Portanto, esmolar ou, ainda, dar esmolas, nesse contexto, seria um atentado à dignidade do ser humano. Logo, o meio de conseguir o que quer que seja, precisa ser conquistado.⁸⁵ A preocupação com o sertanejo retirante aí exposta é mascarada pelos inúmeros interesses econômicos e elitistas, tanto dos governantes quanto de particulares. Afinal, segundo Kênia Rios, “a dificuldade em separar o público do privado

⁸² **RIOS, K. S. ; GALINDO, B. .** *Condenados da terra: o confinamento dos pobres em campos de concentração no Ceará, Nordeste do Brasil.* MESTER (LOS ANGELES), v. 49, 2020. p. 6.

⁸³ **FILHO, Cruz.** *História do Ceará: resumo didático.* Ed Comp. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo-Cayeiras-Rio. 1931. p. 177.

⁸⁴ **FREITAS, Bianca Nascimento de.** op. cit. p. 7-9.

⁸⁵ **FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves.** *A miséria da piedade: o governo da pobreza no dispositivo da caridade (Fortaleza, 1880-1930).* Tese de doutorado. PPGHIS-UFC, 2019. p. 41.

no Brasil ajuda-nos a entender como as elites transformam suas demandas autoritárias e excludentes em políticas públicas para os pobres.”⁸⁶

Como já mencionado, havia outra questão mancomunada nesse discurso: o Brasil que se queria moderno deve, antes, passar pela modernização do Ceará – isto é, toma lá, dá cá. Sendo assim, utilizada como meio de combater as secas desde 1877, as obras públicas adentram 1915 para ocupar o sem número de pessoas que chegavam às cidades diariamente – unindo o útil ao agradável, pois

Nesse aspecto, seguiam o receituário liberal da ‘Era dos Impérios’ para o desenvolvimento das nações. Afinal de contas, aproveitar a presença de milhares de pessoas como mão de obra para os ‘melhoramentos materiais’ era uma medida bastante sugestiva quando se teria inevitavelmente de despender grandes recursos com os pobres. Mas o emprego dos retirantes em obras públicas também servia como ‘solução’ para problemas mais imediatos da sociedade cearense, em especial de suas elites.⁸⁷

A construção de uma cidade dotada dos mecanismos mais modernos – tais como o empreendimento em estradas de ferro, rodovias, açudes ou pavimentações – era fortemente encarada como requisito preestabelecido para o Ceará acompanhar a capital do país na corrida rumo à modernidade. Ante tal necessidade, os retirantes foram incumbidos de construir a modernidade – só assim o Ceará tornar-se-ia moderno e o Brasil, por sua vez, seria o país republicano que se projetava para o futuro. No mais, o objetivo em solucionar o problema secular das secas periódicas no Ceará passava, necessariamente, pela *escola do trabalho* e “como ‘escolas de trabalho’, as obras de socorro público deveriam, nas concepções das autoridades, criar entre o povo sertanejo novos hábitos de trabalho, tornando-os afeitos aos códigos disciplinares das obras e ao labor intensivo controlado pelos engenheiros.”⁸⁸

Em carta enviada para ser publicada na edição de Nº 46, no dia 18 de março, um leitor ratifica o quadro acima exposto, pois,

Em nosso modo de entender ha um lenitivo que muito bem poderá suavisar as nossas condições afflictivas: se o governo, atendendo ao nosso reclamo de momento, a razão que nos assiste, mandasse continuar o prolongamento de toda rêde de viação cearense e mais obras de utilidade publica dando trabalho e ganho ao povo que tão patriotico tem

⁸⁶ RIOS, K. S. ; GALINDO, B. op. cit. p, 10.

⁸⁷ CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Operários da seca: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (Ceará – 1877-1919)*. Revista Mundos do Trabalho, vol. 3, n. 6, julho-dezembro de 2011, p. 178.

⁸⁸ Ibidem, p. 192

sido e com sua vida, com a seiva do seu trabalho muito tem contribuído para o engrandecimento da sua terra que viu nascer.

Pinheiro, março de 1915.⁸⁹

Na edição seguinte, a redação do jornal sugere a exploração da mão de obra dos retirantes, os quais seriam um povo de “braços vigorosos [e] affeitos aos mais pesados serviços, em troca do pão”.⁹⁰ Em outra publicação, Deolindo escreve que o trabalho é a “medida prompta e efficaz”.⁹¹ No mais, ao longo de todo o ano de 1915, *A Lucta* irá dissertar sobre trabalho em obras públicas de açudagem e prolongamento de estradas de ferro como a grande solução para as desgraças vivenciadas pela seca. Em 7 de julho – N° 62, a redação d’*A Lucta* resguarda a primeira página quase em sua totalidade para escrever em prol da solução hidráulica. Na edição seguinte (14 de julho – N° 63), o jornal transcreve as palavras de Pompeu Sobrinho – publicadas em outro periódico (Correio do Ceará), cujo argumento fala no valor monetário do ser humano; logo, segundo o mesmo, a morte ou migração seriam prejuízos e tal como somariam obstáculos para o progresso.⁹²

Os redatores chegam a fazer sugestões para as autoridades locais, a saber,

Aproveitando essa infinidade de mulheres e creanças que perambulam por nossas ruas mendigando uma codéa de pão, mandar passar uma vassourada na cidade, onde o lixo abundante, de par com os famintos, além de constituírem um atentado á hygiene publica, está representando a imagem perfeita da miséria que tanto nos avilta e impressiona.⁹³

Ao se posicionar contra a migração, *A Lucta* não esgota as possibilidades de publicar ideias contrárias, de modo a contrapor ou, ainda, rebater seus opositores. Deste modo, em julho, o jornal publica um artigo intitulado “Vinde!” para, na edição seguinte, transcrever uma carta do periódico O Estado do Pará, onde ambos convidam o cearense para se retirar em direção ao trabalho no noroeste do Brasil, pois, de acordo com Pessoa de Andrade – remetente, a natureza do sertanejo é, contundentemente, o trabalho.⁹⁴ No início de agosto,

⁸⁹ A Lucta, N° 46. 18 de março de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00046.pdf [acesso em 22/12/2022].

⁹⁰ A Lucta, N° 47. 23 de março de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00047.pdf [acesso em: 22/12/2022].

⁹¹ A Lucta, N° 51. 21 de abril de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00051.pdf [acesso em: 22/12/2022].

⁹² A Lucta, N° 62 e N° 63. 7 e 14 de julho de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00062.pdf e http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00063.pdf [acesso em: 22/12/2022].

⁹³ A Lucta. N° 72, 15 de setembro de 1915. Disponível: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00072.pdf [acesso em: 23/12/2022]

⁹⁴ A Lucta, N° 64 e 65. 21 e 28 de julho de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00064.pdf e http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00065.pdf [acesso em: 22/12/2022]

mais uma vez é possível observar textos a favor da migração – argumenta-se, sobretudo, sobre a incompetência das autoridades locais para proporcionar trabalho no Ceará e, por essa perspectiva, sem trabalho, os retirantes geram prejuízos para a coletividade.⁹⁵ Portanto, embora a redação do periódico não enxergue nas migrações a solução ideal para os problemas, tendo em mente, ainda, o passado de migrante de Deolindo, o jornal abre espaço para os leitores que são favoráveis à migração debaterem, a partir dos textos enviados para a redação publicar, em uma clara demonstração de seu posicionamento a favor do conflito saudável de ideias.

Destarte, aos que defendiam a exploração da mão de obra para a modernização do Ceará, havia, assim, quem escrevesse a favor da migração como único meio de solucionar de maneira eficaz os problemas da seca. A ideia consiste, basicamente, no abandono da terra natal – de forma que o Sul, em sua marcha acelerada de grandes transformações físicas e de sociabilidade, pudesse se aproveitar da mão de obra cearense. É explícito os interesses em torno das soluções apresentadas para a sobrevivência dos sertanejos retirantes: importa, para a elite, o uso dessas pessoas no projeto civilizacional – seja no Ceará; seja no Sul do Brasil. O trabalho, nesse sentido, assume dupla função: materializa as obras da modernidade e orienta os trabalhadores na caminhada rumo ao progresso. A lógica de mercado, tal como pode ser observado, é a principal linha de direcionamento quanto aos problemas da seca.

O exercício do trabalho, enfim, tornara-se elemento civilizador básico e, portanto, mais uma vez aproveitando-se de discursos moralizantes, os pesados serviços públicos e em péssimas condições dos sertanejos retirantes adquiriam legitimidade em alguns periódicos, anúncios oficiais e escritos intelectuais. “Toda crueldade agora destinada aos pobres era travestida de dever civilizacional. O castigo tinha sua culpa justificada [...]”. Havia afirmações no sentido de “nossa superioridade nos autoriza a trata-los como inferiores”.⁹⁶

Em artigo sobre as condições de trabalho nas obras de açudagem, *A Lucta* escreve:

Informou-nos também pessoa vinda d’alli que os necessitados que conseguiram se collocar, estão na dolorosa contingencia de abandonarem o trabalho, tal o rigor e a pesada disciplina que preside ao mesmo, e diz

⁹⁵ A Lucta, Nº 67. 11 de agosto de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00067.pdf [aceso em: 22/12/2022].

⁹⁶ RIOS, K. S. ; GALINDO, B. . *Condenados da terra: o confinamento dos pobres em campos de concentração no Ceará, Nordeste do Brasil*. MESTER (LOS ANGELES), v. 49, p. 4, 2020.

textualmente o nosso informante ‘estes pobres homens mirrados e enfraquecidos por uma fome de dez mezes, são alli obrigados diariamente, mediante o parco jornal de 1\$000, a 10 horas de trabalho insano a picareta, sob o rigor de um sol causticante e sobretudo mal comidos, mal bebidos e mal dormidos. As 11 horas do dia uma sineta dá o signal de suspender o serviço começado ás 6 horas da manhã, partindo apressado o grupo de trabalhadores, cançados e esbaforidos, á casa do engenheiro a obter um cartão que lhe dá o direito de comprar no fornecedor, ha dois kilometros de distancia, o necessário para preparar a primeira refeição. Esta como não ha tempo de ser feita ao fogo, compõe-se de farinha de mandioca e assucar mascavo e antes do infeliz deglutir o ultimo bocado dessa comida agreste e pouco saudável, a fatidica sineta lá está chamando-o, com o sinistro signal de recommençar o serviço’.⁹⁷

O jornal transcreve a mensagem de um leitor com notícias sobre a construção do Açude dos Patos, localizado nos arredores de Sobral. A citação acima chama atenção para experiência de sertanejos retirantes alheios às obras ditas modernas; ainda mais, desconhecedores das novas relações de trabalho que ali eram inseridas. Afeitos ao trabalho autônomo em sua roça, os trabalhadores recém chegados enfrentavam uma rigorosa disciplina já com suas próprias condições físicas e mentais extremadas pela retirada. Afinal, antes de aportarem em uma obra e outra, os combatentes da seca há muito resistem aos obstáculos que se colocam em sua jornada pelos sertões escaldantes. Algumas pessoas, quando abandonam seus lares, partem após darem seu máximo na luta contra os percalços da existência – esgotada as alternativas, retiram-se desapontados.⁹⁸

Embora a favor da solução do trabalho, o jornal e seus colaboradores são críticos à exploração dos retirantes – questionam, pois, a justificativa dada pelos engenheiros aos maus tratos segundo a suposta “indisciplina” dos trabalhadores. A crítica, cabe reiterar, é direcionada aos exploradores e não aos trabalhadores – o cearense, n’A *Lucta*, passa a ser a materialização da própria ideia de “resistência” ou, ainda, “perseverança”. Ele é, finalmente, identificado como o representante da pátria em sua essência.

As formas de resistência desta população são fascinantes em suas trágicas experiências. Embora muito dissertem sobre a “incapacidade” dos sertanejos, cabe, em meio ao espaço que nos resta, comentar, mesmo que superficialmente, a respeito dos

⁹⁷ A *Lucta*, Nº 80. 10 de novembro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00080.pdf [acesso em: 23/12/2022].

⁹⁸ CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Operários da seca: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (Ceará – 1877-1919)*. Revista Mundos do Trabalho, vol. 3, n. 6, julho-dezembro de 2011, p. 176-193.

retirantes no que se refere ao seu protagonismo no processo histórico aqui problematizado – enfim, encontramos-nos diante da multidão e sua História.

As palavras daqueles que almejavam auxiliar os retirantes, certamente, sustentam sua devida importância sobre as vivências dos que protagonizaram a *Seca do Quinze*. Em maio, na edição de Nº 53, o redator fala sobre a reconhecida honestidade do cearense que, embora decente, acabará empurrado para o crime pela necessidade de sobreviver.⁹⁹ Em setembro, Deolindo faz um pedido inusitado às forças policiais: “aconselhamos ao capitão Pretinho que a bem dos princípios de humanidade, perdoe a um desgraçado que furtou com fome”.¹⁰⁰ Fala-se no “vigoroso sertanista, que concretisa em si o espírito de combatividade da família cearense, e que é como a rocha viva da nossa nacionalidade”.¹⁰¹ Embora esmorecido pela fome, ele é “heroico na luta e resignado no sofrimento”.¹⁰² É um povo que, “açoutado pelo rispido tufão da fome e do infortúnio, nada pede e reclama muito pouco”.¹⁰³ Segundo Leonardo Motta, contribuinte d’A *Lucta*, “os pobres não clamam; soffreem anonymamente”.¹⁰⁴

Deste modo, muito se escreve sobre os incontáveis beneméritos dos sertanejos, algo que, como exposto anteriormente, projeta-os como passíveis para soerguimento da civilização brasileira – por meio de sua força física, mas, acima de tudo, porque estas seriam pessoas “satisfeitas” com sua posição na estrutura da sociedade e, por isso, improváveis ameaças às expectativas do que se entendia como progresso. A ignorância atribuída aos que enfrentam a seca, diz Mario Lebon em sua coluna semanal, vai muito além, pois,

Todos os seus males, a sua pobreza extrema, os seus sofrimentos psíquicos e morais, elle os attribue, em sua simplicidade rustica, aos castigos da Justiça divina, sem conjecturar sequer que os destinos da sociedade estão entregues por Deus aos homens que a governam, e que a sociedade caminhará para o abysmo, si o governo a implle até lá. Para o povo rude o Governo não é mais que um carrasco, um tyranno, digno somente do repudio, o qual só quer saber do povo para receber as

⁹⁹ A *Lucta*, Nº 53. 5 de maio de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00053.pdf [acesso em 24/12/2022].

¹⁰⁰ A *Lucta*, Nº 70. 1 de setembro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00070.pdf [acesso em 24/12/2022].

¹⁰¹ A *Lucta*, Nº 40. 4 de fevereiro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00040.pdf [acesso em: 24/12/2022].

¹⁰² A *Lucta*, Nº 46. 18 de março de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00046.pdf [acesso em: 24/12/2022].

¹⁰³ A *Lucta*, Nº 47. 23 de março de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00047.pdf [acesso em: 24/12/2022].

¹⁰⁴ Leonador Motta. In: A *Lucta*, Nº 57. 2 de junho de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00057.pdf [acesso em: 24/12/2022].

contribuições dos impostos e com este dinheiro pagar soldados para espancar, ferir, prender e matar.¹⁰⁵

A citação acima é significativa e ilustra bem as problemáticas que, aqui, foram abordadas. Em um pequeno trecho de seu artigo, o autor conclui e reafirma a incapacidade dos retirantes de conscientizar-se sobre a seca como um fenômeno social – estes, assim, manteriam a noção segundo a qual os desígnios da estiagem seriam unicamente uma espécie de castigo da natureza. *A Lucta*, constantemente, atribuí aos povos que se retiram da seca uma infantilização – sem compreensão de sua realidade, o sertanejo é visto como uma criança que deve ser guiada pela elite, sendo esta responsável pela sua alfabetização sociopolítica. Os agentes desta História, nessa lógica, cumprem um único papel em todos os meandros de tal processo histórico: são vítimas.

Dito isto, é perceptível como o semanário reproduz um discurso elitista, cuja ideia consiste na incapacidade de pessoas menos favorecidas enxergarem sua própria condição – ou seja,

A política, desta forma, fica circunscrita a um campo definido pelo Estado e seus padrões estruturais, estabelecido como ‘civilizado’, relegando a diversidade de formas populares de organização e defesa de seus direitos ou costumes ao campo da ‘bárbarie’ – ações auto-indulgentes, desprovidas de sentido coletivo e de parâmetros de convivência social segundo regras de troca equivalente baseadas no mercado.¹⁰⁶

As ações de massa, portanto, tais como saques e invasões, por mais que não obtenham sua devida legitimidade segundo os modelos transcritos pela política representativa liberal, encontram nas multidões de retirantes um importante instrumento de organização das lutas cotidianas em época de seca. A resistência dos sertanejos, assim, reside no seu grande número; em especial, na troca de experiências, pois “o conhecimento mútuo vinha com o compartilhamento das misérias ou com a solidariedade do trabalho nas obras públicas”.¹⁰⁷

Finalmente, cabe reforçar a maneira pela qual os modos de resistir e sobreviver à seca, tal como a caridade cristã, foram sendo ressignificados, pois, dar ou pedir esmolas passa a ser entendido como alimentar o ócio – inimigo da modernidade. Ora, se o retirante

¹⁰⁵ A Lucta, Nº 70. 1 de setembro de 1915. Disponível: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00070.pdf [acesso em: 24/12/2022]

¹⁰⁶ NEVES, Frederico de Castro. *Seca, Pobreza e Política: o que é politicamente correto para os pobres?* Trajetos (UFC), v. 13, 2009. p 192.

¹⁰⁷ NEVES, Frederico de Castro. op. cit. p 186.

necessita de socorros, tal ajuda deve ser retribuída e não simplesmente oferecida. Como ficou demonstrado, conforme transcorriam as rápidas mudanças na sociedade, os interesses da burguesia conversavam e, sendo assim, os benefícios advindos dessa conversação legitimavam-se a partir da ideia de missão civilizacional; é o fardo do homem branco – que, como é tangente, de fardo nada tem. Nesse sentido, é possível observar a criminalização da miséria em ascensão na medida em que a condição de pobreza é entendida como opção de quem a vivência; de forma semelhante, o retirante e o pobre passam a ser tratado como sinônimos.

É preciso constatar, enfim, que, entre 1877 e 1915, construiu-se “a percepção de uma decadência ou de uma degeneração física e moral por conta da miséria, da fome e das agruras da migração [que] parece ter se generalizado nestes primeiros anos de relacionamento com os refugiados da seca.”¹⁰⁸

À propósito de conclusão, reiterando o que já foi exposto, com a certeza da seca se materializando, as classes abastadas do meio urbano não demoravam para começar a perceber, pouco a pouco, a chegada de migrantes nas redondezas das cidades. Com memórias de secas anteriores, a elite cearense preocupa-se com a provável vinda de incontáveis famílias em direção ao que, orgulhosamente, entendiam como centro da civilização. Portanto, frente ao inevitável em uma época de forte higienismo, havia certa preocupação com a presença de tais multidões.¹⁰⁹ Novamente, aqueles que fugiam da seca eram vistos como um impedimento para a prosperidade do Ceará no projeto nacional de modernização e, por isso, deveriam ser repreendidos e reeducados para o bem da pátria; isto é, “os pobres [...] seriam portadores da decadência, degenerados físicos e moralmente pela fome. Esse tipo de discurso moral foi legitimado e justificado pelo saber científico da época.”¹¹⁰. Após a escola do trabalho, portanto, quase que consequentemente, os cearenses poderiam se ver plenamente inseridos e integrados na lógica modernista.

¹⁰⁸ **NEVES**, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 92.

¹⁰⁹ “[existia] a preocupação da sociedade da época com a degeneração dos costumes que a seca e a miséria a ela associada provocavam. Se por um lado a fome matava em grande número, a decadência dos costumes e a prostituição destruíam a honra [...]”. **NETO**, Armando Pinheiro. *De curral da fome a campo santo: o campo de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UNIRIO, p. 30, 2014.

¹¹⁰ **FERREIRA**, Antonio Nelorracion Gonçalves. *A miséria da piedade: o governo da pobreza na dispositivo da caridade (Fortaleza, 1880-1930)*. Tese de doutorado. PPGHIS-UFC, p. 113. 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os personagens que viveram tal processo histórico não podem ser esquecidos em sua árdua luta para resistir e sobreviver ao contexto em que estavam inseridos – e, para tanto, deve-se ultrapassar a ideia que relega aos povos do interior do sertão a característica de passividade e ignorância frente aos acontecimentos de sua própria História; é preciso, pois, uma compreensão mais ampla das multidões de retirantes como sujeitos históricos e políticos.¹¹¹ Foram tais pessoas, em sua lastimável realidade, que obrigaram o Estado a conferir para o fenômeno da seca algo aquém das ideias climatéricas; embora a intelectualidade estivesse incumbida de esboçar formalmente suas pesquisas em uma espécie de missão civilizatória, são as experiências empíricas daqueles que sobreviveram no passado a fonte determinante para as produções acadêmicas.

Era tempo de *Belle Époque* – em termos da historiografia tradicional –, e, sendo assim, as ideias que circulavam pela sociedade inseriam-se na lógica da modernização e do progresso, em defesa da civilização por meio de cientificismos; advindos, em especial, das noções construídas pelo famigerado darwinismo social. Em tempos assim, uma população famélica e andrajosa não encontrava seu justo espaço na sociedade que se queria para o Brasil; nesse caso, as maiores vítimas da seca em tal contexto histórico são emblemáticas, isto é, trabalhadores rurais e, muitas das vezes, pobres. Políticas oficiais são erguidas em prol dos interesses da elite dominante e, aqui, o periódico *A Lucta* se destaca no sentido de enfatizar um posicionamento contrário ao *status-quo* – sem perder de vista, por sua vez, seus próprios interesses como jornal que circulava pela elite.

Não por acaso, os retratos dos retirantes que circulam até a atualidade, em muito, se deve aos esforços de jornais da época; isto é, os periódicos contribuíram grandemente para a construção e fixação das imagens geradas pelas secas. Segundo o historiador Antonio Ferreira,

[...] essa produção imagético-discursiva (através da difusão de imagens que evocavam piedade e medo, em um discurso classicamente trágico)
[...] contribuiu decisivamente para a instauração de toda uma

¹¹¹ Cf. NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

iconografia da seca que se sedimentou, ao longo dos anos, no imaginário nacional.¹¹²

Tal como nos dias de hoje, os diários e semanários demonstravam certa concordância com esse ou aquele grupo político; ou, ainda, com essa ou aquela ideia. É fato que os proprietários e agregados das redações produziam seu conteúdo conforme seus próprios interesses – e, por mais que não assumisse ou procurasse esconder seus posicionamentos, o periódico *A Lucta* também estava inserido na dita circunstância.

A Lucta mobilizou seus agregados, não apenas no intuito de angariar socorro aos retirantes, mas e, inclusive, na tentativa de dar visibilidade ao Ceará como um Estado que se queria inestimável para a nação, inserindo-o na política econômica e cultural do país. A explanação da História da seca em seus inúmeros sentidos bem como o entendimento do contexto histórico, dentro de seus próprios termos, se mostra de grande pertinência na medida em que, tão importante quanto, não se pode ignorar as formas de resistência de uma grande parcela da população cearense combatentes da fome.

Por fim, indo de um lugar ao outro, também é o sertanejo retirante aquele que realizou o trabalho de força bruta nos esforços modernizantes dos espaços e costumes locais em concomitância com o que de mais admirável existia nas grandes metrópoles – em suma, entre a Grande Seca do século XIX e a *Seca do Quinze*, no início do século XX, houve mudanças significativas no auxílio prestado aos pobres e famintos, o que significou também transformações nas relações de trabalho. Em 1915, torna-se perceptível “uma política de socorro comum em períodos de estiagem que consiste em mobilizar frentes de trabalho para construir obras públicas em troca de ajuda financeira ou comida”.¹¹³

Segundo Armando Neto, “era necessário mantê-los ocupados e também associar qualquer tipo de benefício ao trabalho”.¹¹⁴ Pois, “[...] a ideia de empregar os retirantes em frentes de serviço trazia em seu bojo o projeto de transformá-los em operários”.¹¹⁵ Sendo assim, o trabalho funciona como elemento civilizador, normatizando e disciplinando os hábitos dos trabalhadores enquanto estes, por sua vez, construía a modernidade com sua mão de obra precária. Havia, pois

¹¹² FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves. *A miséria da piedade: o governo da pobreza no dispositivo da caridade (Fortaleza, 1880-1930)*. Tese de doutorado. PPGHIS-UFC, 2019. p. 35-36.

¹¹³ NETO, Armando Pinheiro. *De curral da fome a campo santo: o campo de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UNIRIO, 2014. p. 15.

¹¹⁴ Ibidem. p. 36.

¹¹⁵ Ibidem. p. 42.

a necessidade de estabelecer uma política de socorros que superasse a tradição imperial da caridade, colocando o trabalho como principal elemento a condicionar a inserção do retirante ao sistema de assistência pública. O trabalho, portanto, passou a centralizar as relações entre a sociedade e a pobreza gerada pelas secas, transformando, na perspectiva das elites políticas dos anos finais do século XIX, os pobres retirantes – camponeses deslocados de suas terras pela destruição das colheitas – em trabalhadores condicionados pelos critérios do trabalho industrial.¹¹⁶

Ao fim do funesto ano de 1915, em edição publicada de N° 87 em 29 de dezembro, diz um contribuinte d'*A Lucta*:

Não achamos no vocabulário português palavras que bem traduzam a perversidade deste perverso anno que agoniza para bem da humanidade, e que d'aqui há algumas horas se ira envolto nas dobras do passado, deixando no livro da humana historia uma feia pagina de lucto escripta com letras de sangue.¹¹⁷

O cronista que assina como Justos, ao publicar sua opinião sobre o tempo que vivia, apregoa o registro de seu momento histórico nos anais da História. Com o presente estudo, certamente, buscamos fazer jus às palavras do autor.

¹¹⁶ NEVES, Frederico de Castro. *O Nordeste e a historiografia brasileira*. Ponta de Lança (UFS), v. 5, 2011. p. 18.

¹¹⁷ Justus. In: *A Lucta*, N° 87. 29 de dezembro de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720763/per720763_1915_00087.pdf [acesso em: 17/09/2022].

REFERÊNCIAS

FONTE

A Lucta: *semanario independente politico e noticioso*. Sobral-CE. Nº35-87, 1915. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/lucta/720763> [acesso em: 19/09/2022].

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste: e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia*. In: **PINSKY**, Carla Bassanezi; **LUCA**, Tania Regina de (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, p. 223-250, 2009.

ALENCAR, Maria Emília da Silva. *À sombra das palavras: a oligarquia acciolina e a imprensa (1896-1912)*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UFC, Fortaleza-CE, 2008.

CAMPOS, J. N. B. *Secas e políticas públicas no Semiárido: ideias, períodos e pensadores*. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 28 (82), p.65-88, 2014.

CAMURÇA, Marcelo. *A 'Guerra do Juazeiro' de 1914 em duas versões historiográficas opostas*. Revista do Instituto do Ceará, v. 132, p. 115-130, 2018.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Operários da seca: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (Ceará – 1877-1919)*. Revista Mundos do Trabalho, vol. 3, n. 6, p. 176-193, julho-dezembro de 2011.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FILHO, Cruz. *História do Ceará: resumo didático*. Ed Comp. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo-Cayeiras-Rio. 1931.

FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves. *A miséria da piedade: o governo da pobreza no dispositivo da caridade (Fortaleza, 1880-1930)*. Tese de doutorado. PPGHIS-UFC, 2019.

FREITAS, Bianca Nascimento de. “*Os manos Jeca de Mané*”: o sertão e o sertanejo na escrita combativa de Ildelfonso Albano no início do século XX. In: Encontro Nacional de História Política, 2015, Fortaleza. História, rupturas institucionais e revolução. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015. v. 1. p. 1-15.

GONÇALVES, Adelaide. *Imprensa dos trabalhadores no Ceará: História e Memórias*. In: **SOUZA**, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

LIMA, J. L. F. *O enfermo e o mártir: imprensa, história e memória a partir das trajetórias dos jornalistas Vicente Loyola e Deolindo Barreto Lima - Sobral, 1907-1924*. In: XII Semana de História da FECLESC, 2016, Quixadá. Anais da XII Semana de História da FECLESC, 2016.

_____. *O boom da memória no interior do Ceará: memória intelectual e patrimonialização em Sobral (1984-2000)*. In: 30º Simpósio Nacional de História, 2019, Recife. Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil. Recife: Associação Nacional de História - ANPUH/Brasil, 2019.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana*. In: Tempo – Revista do Departamento de História da UFF(Universidade Federal Fluminense). Rio de Janeiro, nº. 26, volume 13, p. 15-31, janeiro de 2009.

NETO, Armando Pinheiro. *De curral da fome a campo santo: o campo de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. PPGHIS-UNIRIO, 2014.

NEVES, F. C. *Seca, Pobreza e Política: o que é politicamente correto para os pobres?* Trajetos (UFC), v. 13, 2009. p. 186-201.

_____. *O Nordeste e a historiografia brasileira*. Ponta de Lança (UFS), v. 5, 2011. p. 6-24.

_____. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. *A Seca na História do Ceará*. In: **SOUZA**, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

_____. *A Capital de um Pavoroso Reino: Fortaleza e a Seca de 1877*. In: **RÜCKERT**, Fabiano Quadros et al (Org). *Histórias da Pobreza no Brasil*. 1Ed. Rio Grande do Sul: Editora da FURG, 2019, v. 6.

PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: **SOUZA**, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Juazeiro e Caldeirão: espaços de sagrado e profano*. In: **SOUZA**, Simone de (Org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. *O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico*. In: **FERREIRA**, Jorge. **DELGADO**, Lucília (orgs). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

RIOS, K. S. *Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RIOS, K. S; **GALINDO**, B. *Condenados da terra: o confinamento dos pobres em campos de concentração no Ceará, Nordeste do Brasil*. MESTER (LOS ANGELES), v. 49, 2020. p. 3-11.

SALIBA, Elias Thomé. *Pequena história do documento: aventuras modernas e desventuras pós-modernas*. In: **PINSKY**, Carla Bassanezi; **LUCA**, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 309-328.

SILVA, Ângelo Magalhães; **DE OLIVEIRA**, Janeson Vidal. *A fome na narrativa do semiárido das secas e o direito ao desenvolvimento*. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p. 143- 161, maio 2019. ISSN 1982-6745. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/redes.v24i2.13002> [acesso em: 13/01/2023].

TOSCANO, Frederico de Oliveira. *O inimigo é a fome: breve histórico da escassez alimentar no Nordeste e do papel do Estado em seu enfrentamento*. *Projeto História*, São Paulo, v. 68, Mai-Ago, p. 352-386, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Editora Brasiliense: São Paulo. 1995.

_____. *O prelúdio republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: **SEVCENKO**, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio*. v. 3. São Paulo: Cia. das Letras, p. 7-48, 1998.